

AGOSTO DE 1908

KOMOS

SUMMARIO

A Questão dos Balkans.....	Silva Marques
O Antigo Regimen.....	Ferreira Viana
Recordações de Viagem.....	Eduardo Socrates
Um Domingo na Exposição Nacional Na Fronteira.....	Gravura Dionisio Cerqueira
Exposição Nacional—O portão monumental iluminado.....	Gravura
O Pavilhão do Estado de Minas.....	Gravura
O Pavilhão do Estado da Bahia.....	Gravura
O Palacio da Industria iluminado Matto Grosso.....	Gravura Jurema
O Ultimo Fauno.....	Gonzaga Duque
O Novo Material da Nossa Marinha Militar.....	
Buenos Aires.....	Thomaz Lopes
Rachel, a Tragica.....	André de Rezende
Mãe.....	José Vieira

Malaguti

BIBLIOTHECA

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil
**SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS
SOBRE A VIDA**

Auctorisada a funcionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:0 0\$000

Sinistro pagos:

Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000\$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios têm lugar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

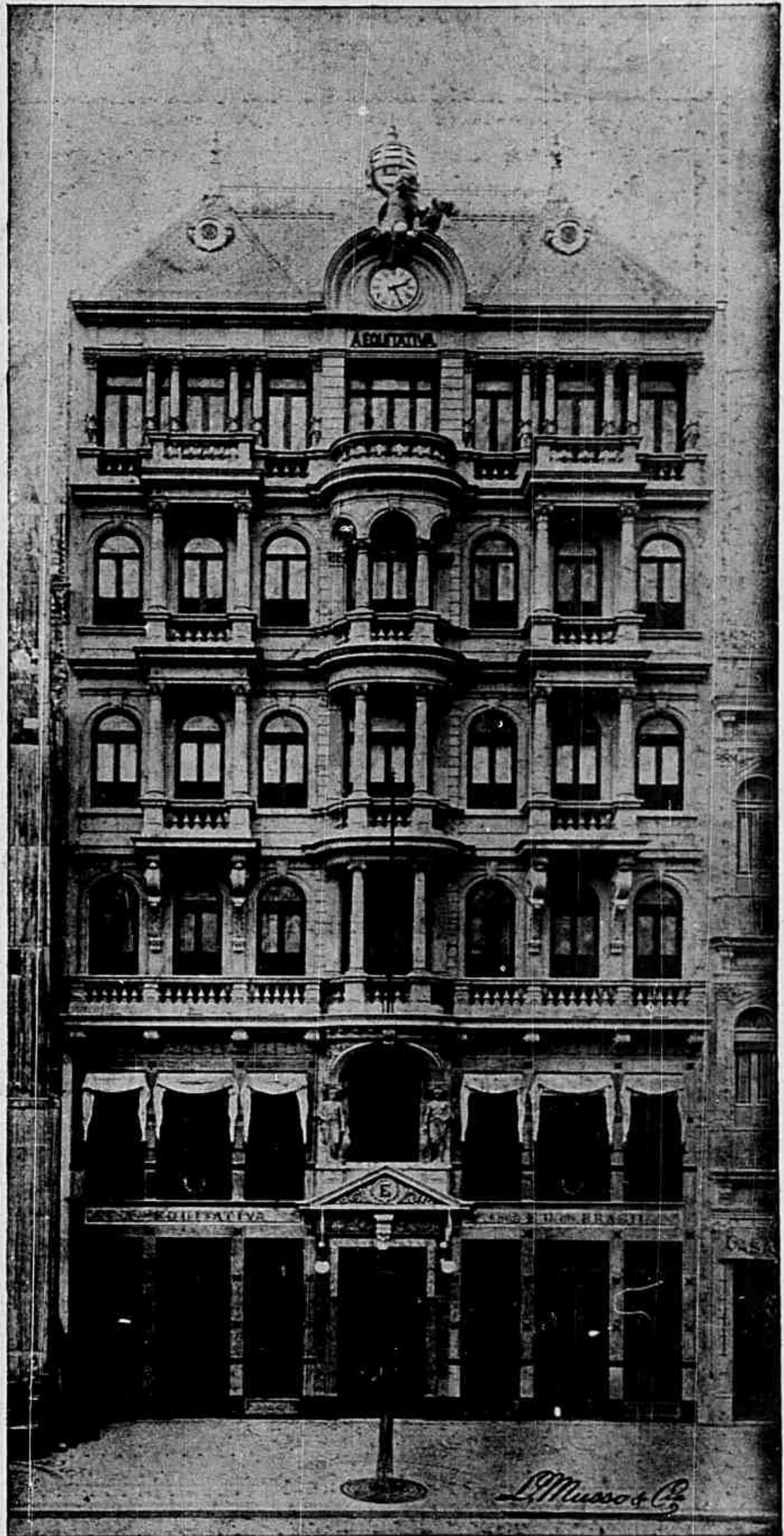
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

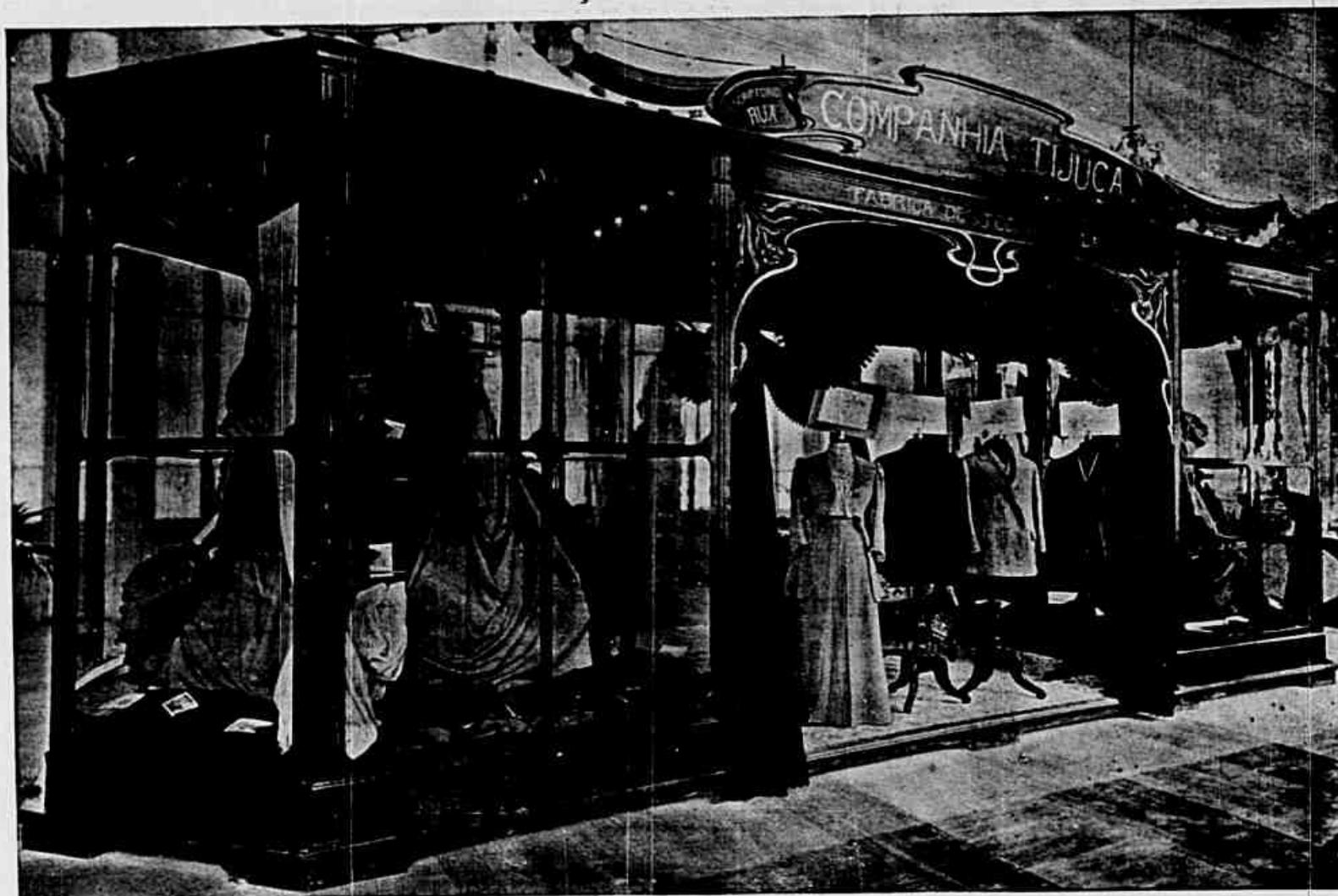
125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO



8

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Pavilhão das Industrias Fabris — no centro desta vitrine destacam-se 3 manequins confeccionados na importante ALFAIATARIA DOS SRS. PIRES SALGDO & C. estabelecidos á RUA URUGUAYANA N. 113, (esquina da rua Theophilo Ottoni).
Esta importante firma é fornecedora da Casa do Exm. Sr. Presidente da Republica, e foi vencedora do grande Record de 1907.

A' GLORIA DO BRASIL

3, Rua da Carioca, 3

NUM DOS EDIFICIOS DA ORDEM

Fabrica nacional de camisas, collarinhos, ceroulas, costumes para meninos, colletes, gravatas, etc.

As vendas nesta casa são effectuadas com insignificantes lucros

PREÇOS DE ALGUNS ARTIGOS

Colchas grandes de côres a	4\$000
Cobertores listrados a	2\$000
Cobertores ratiné 150-2 m. a	6\$000
Cobertores para casal 170-2, 20, a	8\$000
Cobertores avelludados a	3\$500
3 collarinhos nossa marca por	2\$000
Collarinhos molles a 1\$, 3 por	2\$500
Punhos, nossa marca, par	1\$000
Lençóes para banho a 2\$, 3\$500, 4\$ e	5\$000
Lindos laços de seda a	1\$000
Gravatas a \$200, \$300 e	\$500
Gravatas Coquelin a 2\$, 3\$ e	3\$500
Gravatas sêda a 1\$ e	1\$500
Colletes para homem a	5\$000
Cintos para senhora a \$500, 1\$ e	2\$000
Camisas brancas a 2\$500, 3\$ e	4\$000
Camisas novidade, côr; a	4\$000
Camisas de meia a 1\$, 1\$200, e	1\$500
Camisas de meia para meninos, a \$500 e	\$700
Camisas de crêpe santé a	4\$000
Camisas de zephyr a 3\$500, 4\$ e	4\$500
Camisas bêje musseline a	5\$000
Camisas de meia, finas a 1\$500 e	2\$000
Camisas para senhora a 1\$500, 2\$, e	3\$000

Morins, cretones, atalhados, lençóes, fronhas, guardanapos e todos os demais artigos pertencentes á roupa branca para homens. Em summa: **A' Gloria do Brasil** é digna de ser constantemente visitada.

ESTA CASA NÃO TEM FILIAES

3, Rua da Carioca, 3

JUNTO AO LARGO DA CARIOCA

A. CUNHA & SILVA



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 $\frac{1}{2}$ e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO 19 DE DEZEMBRO — SABBADO

Grande e extraordinaria Loteria do Natal

1175 — 2º

Por 31\$500

500:000\$000

Por 31\$500

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 14

Exposição

PRODUCTOS

Nacional

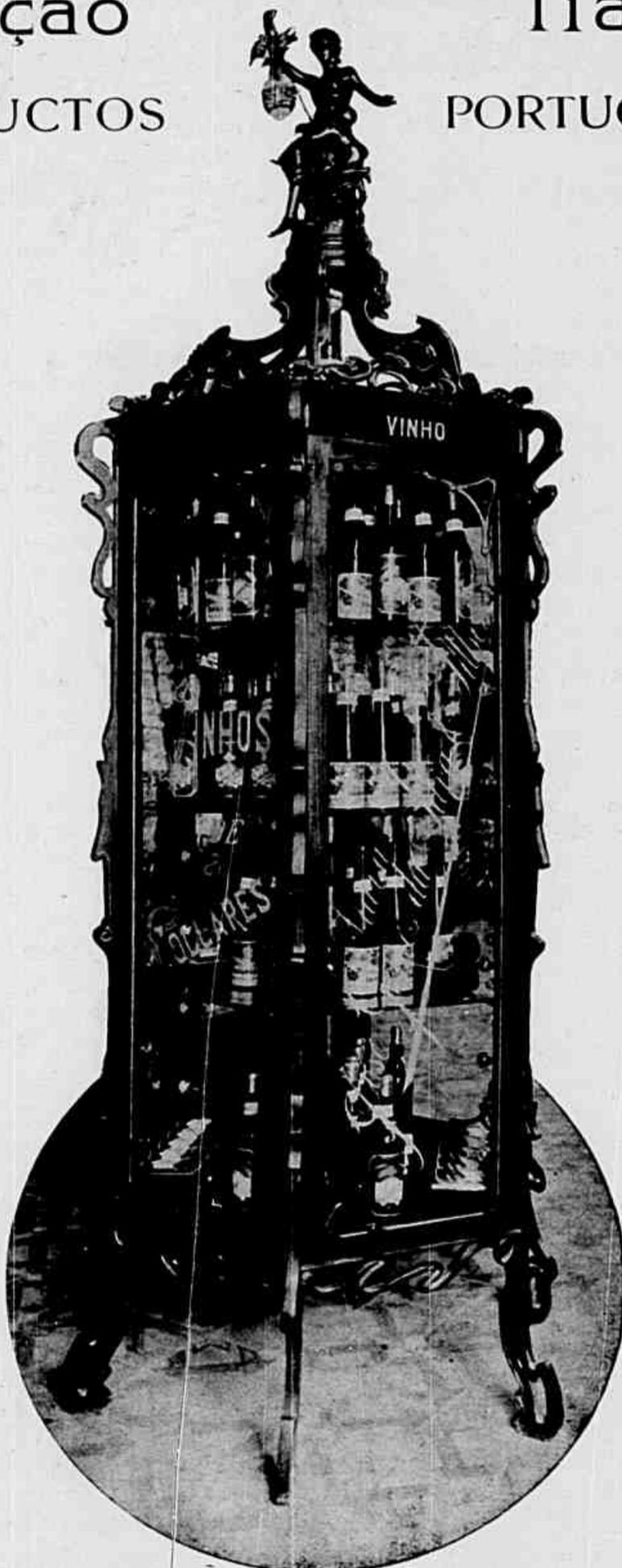
PORTUGUEZES

Damos hoje aos nossos leitores a photographia da vitrine dos vinhos *Collares de J. G. S.* que estamos certos todos conhecem e apreciam.

E' tal o renome que estes vinhos alcançaram, que tem-se a certeza de



que são sobejamente conhecidos; de mais, os premios que lhe tem sido concedidos em todas as Exposições em que se tem apresentado constituem um seguro penhor das suas optimas qualidades.



MOSTRUARIO DOS VINHOS COLLARES DE J. G. S.

O seu mostruario é como os leitores vêem, de uma elegancia modesta e simples; não tem o *restaquerismo* de outras instalações que procuram salientar-se pela maneira como se apresentam aos olhos dos visitantes. O vinho *Collares* apresenta-se em todas as Exposições tal qual é. E em todas tem sido carinhosamente distinguido pela seu valor, o que equivale dizer, que tem sido reconhecido como uns dos *melhores vinhos portugueses*. Aqui, dada a imparcialidade dos julgadores, afastadas as rivalidades, temos certeza que lhes continuará a ser feita a justiça que tem merecido dos « jurys de recompensa » das outras Exposições a que nos reportamos. Ao Sr. Alvaro de Barros, os nossos agradecimentos pela maneira gentil com que se houveram para com o nosso representante, acompanhando-o através dos enormes salões do *Pavilhão Manuelino* e dando-lhe as necessarias informações; aos agricultores e vinticultores Portuguezes Viuva José Gomes da

Silva & Filhos os nossos parabens pela maneira como se fizeram representar na Exposição.

conseguiram se organizar em estados independentes, depois de prolongadas lutas em que as grandes potencias se revelaram animadas dos interesses mais contraditórios. A Russia, desejando enfraquecer a Turquia, auxiliou quanto pode os povos revoltados, a Austria, interessada em estender o seu dominio até a embocadura do Danubio, esforçou-se por annullar a acção da Russia, e mostrou-se sempre hostile á revolta dos christãos; a Inglaterra e a França, movidas, ao contrario, por outros interesses, fizeram dupla politica, favoravel ao mesmo tempo aos turcos e aos christãos, impedindo assim que o velho conflicto tivesse uma solução definitiva.

A primeira sublevação contra o poder musulmano partiu dos sérvios, cuja situação era a mais miseravel, devido ao estado de indisciplina em que havia cahido o exercito turco.

que o chefe dos janisaros, bloqueado em Belgrado, fosse eliminado por ordem do governo musulmano, a pedido dos insurrectos. Mas tendo os sérvios pedido o direito de conservar as armas, como garantia contra a tyrannia, e a isso tendo se opposto o Sultão, a luta continuou, até que os sérvios, a despeito da bravura do seu chefe, tiveram que ceder deante do numero, para recommençar a luta, em 1815, sob o commando do lendario Miloch Obrenovitch que conseguiu a independencia relativa da sua patria, sob a forma de principado vassalo.

A segunda revolta partiu da Grecia que conquistou a sua independencia em menos tempo do que a Sérvia.

A gloriosa mãe das artes e da civilização occidental despertou o mais vivo entusiasmo em todas as nações europeas.

As atrocidades de Chio provocaram o con-



PRINCIPE FERNANDO DA BULGARIA



ABDUL-HAMID, SULTÃO DA TURQUIA



N. COLAU, CZAR DA RUSSIA

A principio, a revolta sérvia não visava sinão á tyrannia dos soldados turcos. Dirigida pelo famoso Kara-Georges, não levou muito tempo

curso de numerosos voluntarios, como Byron, na Inglaterra, Fevier, na França, ao mesmo tempo que determinaram em toda a Europa, e até

nos Estados Unidos, a organização de soccorros em favor dos gregos, quer em dinheiro, quer em armas e soldados.

Mas ao mesmo tempo que os particulares se esforçavam pela victoria da Grecia, os governos europeus se mostravam hostis aos insurrectos, sob a pressão de Metternich que pregava a necessidade de refrear o movimento liberal alastrado por todo o Occidente. Coagidas entretanto pela opinião, as grandes potencias não tiveram remedio sinão intervir. A Inglaterra, a França e a Russia, após a victoria de Navarino, asseguraram a independencia do reino grego.

Mas os turcos, não se conformando com a destruição da sua esquadra em Navarino, provocaram a expedição de Moréa, contra os egypcios, dando isso logar a uma declaração de guerra por parte da Russia contra a Turquia, guerra

Turquia, a proposito das questões egypcia e syria. O successo de Ibrahim levou o Sultão a pedir soccorro á Russia contra os egypcios

que ameaçavam Constantinopla. As outras potencias receando o predomínio russo, provocaram o tratado de Unkiar-Skelessi, que obrigou os russos a retirar suas tropas do territorio turco. Em 1839, cinco annos depois, estava novamente a Turquia em guerra com o Egypto, a proposito da Syria. Victorioso o Egypcio, as potencias se alarmaram e puzeram em movimento todas as ambições, pouco faltando para que se declarasse a guerra entre ellas. Resolvido o conflicto por uma acção commum, assignou-se o tratado de Londres, favoravel á Turquia, porque convinha á Europa o *statu quo*.

Considerada a derrota do Egypto como affrontosa para a França, esta provocou a chia-



CARLOS, REI DA ROUMANIA



EDUARDO VII, DA INGLATERRA



IMPERADOR FRANCISCO JOSÉ, DA AUSTRIA-HUNGRIA

que terminou com o tratado de Andrinopla. Mal havia terminado o conflicto grego, as potencias tiveram de intervir novamente na

mada *Convenção dos Estreitos*, em virtude da qual a passagem do Bosphoro e dos Dardanellos ficava interdita a qualquer navio de



guerra. Desse modo annullava-se o tratado de Unkiar-Skelessi, e as esquadras russas ficavam prisioneiras no Mar-Negro. O governo russo exigiu então da Turquia que lhe reconhecesse o direito de protectorado sobre os christãos do imperio turco, sob pena de luta armada. A Turquia resistiu e foi declarada a guerra da Criméa, tendo a Russia, que suppunha lutar só com a Turquia, de bater-se tambem com a França, a Inglaterra e o Piemonte.

Mais uma vez vencera a Turquia com a assignatura do tratado de Paris, depois do cerco de Sebastopol. Os povos vasallos da Turquia que primeiro se aproveitaram do tratado de Paris foram os moldo-valaquios que passaram a constituir a nação romaica. Feita essa unidade os romaicos conseguiram facilmente a sua independencia, obrigando os turcos a retirarem as guarnições que mantinham no seu

kans, entre a Russia e a Turquia, começada pelos montenegrinos e os sérvios contra as brutalidades bulgaras. Vencidos os turcos, o

imperador da Russia ditou a paz no tratado de Santo-Estephano. Tendo porém esse tratado levantado protestos por parte da Inglaterra, esta potencia, unida á Austria, exigiu que elle fosse revisto, assignando-se então o tratado de Berlim em virtude do qual foram modificadas as disposições do tratado de Santo-Estephano. A Bulgaria, transformada em principado vassalo da Turquia, adquiriu o direito de eleger o seu soberano, a Macedonia foi de novo submettida á Turquia, a Romelia Oriental constituida em provincia auto-

noma, com um governador nomeado pelo Sultão, a Bosnia e a Herzégovina, permanecendo possessões turcas, ficaram não obstante sendo administradas pela Austria. O Monte-



JORGE, REI DA GRECIA



GUILHERME II, DA ALLEMANHA



FALLIERES, PRESIDENTE DA FRANÇA

territorio. Veio depois a questão de Bosnia e de Herzégovina, que proclamaram a sua união com a Sérvia, dando logar á guerra dos Bal-

negro a Sérvia e a Roumania fóram os unicos Estados balkanicos que lograram completa independencia.



Ainda depois do tratado de Berlim, a Turquia soffreu novo desmembramento em 1897 com a perda da ilha de Creta, depois de sangrenta luta entre a Turquia e a Grecia, cujo esmagamento a Europa assistiu impassivel, só intervindo para dar aos cretenses um governo autonomo, quando a Grecia já se achava ex-hausta.

Tal tem sido até hoje a odysseá de sangue e de miserias provocada pela velha questão do

Ninguém pôde prever quaes possam ser as resoluções a tomar pela projectada conferencia internacional provocada pelos ultimos successos dos Balkans.

Dum lado estão a Italia e a Austria, nações visinhas que não podem desejar solução definitiva a não ser que ella venha ao encontro dos seus designios, do outro a Russia que deseja o protectorado exclusivo dos Christãos nos Balkans, a Inglaterra, a Allemanha e a



MAPPA DA BULGARIA ROUMELIA E DA TURQUIA

Oriente, e a que a Europa devido ás proprias ambições não tem querido pôr um paradeiro.

Com o acto agora da Bulgaria, proclamando a sua independencia, e as consequentes anexações da Bosnia e da Heszégovina pela Austria e da ilha de Creta pela Grecia, vamos assistir a uma nova comedia das grandes potencias europeas.

A diversidade de aspirações dos povos balkanicos, e os interesses contradictorios das grandes potencias europeas na peninsula, promettem ainda espectáculo variado.

França cujos interesses se chocam profundamente, fazendo prever mais um movimento favoravel á politica da Sublime Porta.

Hão de vêr que tudo ficará ainda desta vez como estava, dando logar a tantas novas questões do Oriente quantas são as aspirações diferentes dos povos balkanicos e os interesses contradictorios das nações europeas.

SILVA MARQUES.

O ANTIGO REGIMEN

UMA CRISE MINISTERIAL

AS praticas da politica ingleza introduzidas no Imperio estabeleceram entre nós o governo de gabinete contrariando a letra expressa da Constituição que dava ao chefe do Estado a livre escolha de seus ministros, o que, entretanto, contrastava com a irresponsabilidade do Imperador.

Os politicos comprehenderam e sentiram desde o inicio do primeiro reinado a directa intervenção do poder permanente nos negocios publicos; e procuraram tornar effectiva a fiscalisação por meio das interpeleções aos ministros e livre exame de todos os actos politicos e de administração. D'ahi o *systhema* parlamentar, tornando necessaria a confiança das camaras para a vida dos ministerios.

Não bastava a da corôa, era tambem necessaria a da Nação, que se traduzia por meio de moções.

O gabinete tinha pois necessidade de maioria na Camara para governar; e, que, quando lhe faltava, estabelecia-se a crise, que se resolvia ou pela dissolução da Camara ou pela queda do gabinete.

A opposição levantava todos os obstaculos á marcha do governo, empregando os estratagemas parlamentares e travando longas e violentas discussões. Uma emenda a um projecto, a eleição do presidente da Camara ou uma moção directa de confiança era o terreno escolhido para o combate.

O chefe da opposição collocava a questão nos termos da confiança e o representante do ministerio a aceitava. Travava-se, então, a discussão, quasi sempre rapida, e procedia-se á votação da moção que era mais ou menos concebida nos seguintes termos: «A Camara, não tendo confiança no ministerio para gerir os negocios publicos, passa á ordem do dia.»

Approvada, estabelecia-se a crise e suspendião-se as sessões até que fosse resolvido.

O presidente do conselho dirigia-se immediatamente á S. Christovão, e pedia ao Imperador a demissão conjuncta do ministerio. Se não era aceita as camaras eram dissolvidas; precedendo quasi sempre a convocação do Conselho de Estado pleno.

Se era aceita, o Imperador consultava ao presidente do conselho demissionario sobre a indicação do seu successor encarregando-o de

chamar o indicado a uma conferencia cuja hora era determinada.

Durante esse tempo era grande a agitação politica: os chefes mais cotados á successão tinham a casa repleta de politicos e pretendentes que confabulavam, intrigavam, tramavam e multiplicavam-se as combinações possiveis. Os boatos ferviam nos corredores da Camara e principalmente na rua do Ouvidor em frente ás redacções dos jornaes que afixavam boletins noticiando o andamento das negociações, algumas vezes difficeis e demoradas.

A Nação se interessava vivamente pela solução da crise, não só na Côrte como nas Provincias, que acompanhavam, pelo telegrapho, todo o movimento politico.

Nos grupos da rua do Ouvidor formavam-se ministerios garantindo cada um de bôa fonte a informação; affirmavam que certo politico tinha sido convidado mas que não aceitara, outro impunha condições que não podiam ser acceptas pelo Imperador. Repentinamente corria um boato alarmante: que tinha sido chamado o chefe do partido em opposição; e, então, os situacionistas começavam os ataques ao poder pessoal; que era intoleravel a absorção do poder irresponsavel. Isto é um golpe de Estado, bradava um em desespero; é a unica solução, affirmava outro na expectativa da subida do seu partido.

Confirmado o boato, os que subiam levantavam vivas, o entusiasmo rebentava, e em seguida organisavam prestitos com musica e foguetes, e partiam para a casa do organisador do gabinete e durante o trajecto a alegria se manifestava de todos os modos inclusive em pancadaria nos vencidos que tentavam protestar.

Isto denotava que o povo tomava interesse pela vida politica; sentia-se vibrar no cidadão o partidarismo que é um signal de vitalidade popular.

Quem assistio a estes factos é que pôde avaliar do indifferentismo actual, da ausencia completa do elemento civico nas actuaes transformações politicas.

No dia da apresentação ás camaras do novo ministerio os populares enchiam as galerias, as cercanias do edificio ficavam intransitaveis, o recinto apinhado de curiosos mais distinctos, tribunas do corpo diplomatico e de senadores *au complet*.

Aberta a sessão o presidente annunciava a presença do ministerio e nomeava uma comissão para recebe-lo que o introduzia no recinto tendo a frente o presidente do conselho. Tomava assento na bancada ministerial. Era dada a palavra a um dos ministros demissionarios que dava as razões da retirada do gabinete e do que se havia passado na conferencia imperial.



Estas explicações nunca eram a expressão da verdade e sempre anodinas. Depois levantava-se o presidente do conselho e, com solemnidade, dava conta da organização do gabinete, expunha o seu programma de governo e pedia o apoio da Camara se era do seu partido, ou annunciava a dissolução, se do adverso. Replicava um orador, de vespera designado pelo seu chefe, que fazia a critica do programma e do ministerio.

As mais notaveis dessas sessões foram a da apresentação do gabinete 16 de Julho de 1868, presidido pelo Visconde Itaborahy, que inaugurava a situação conservadora, e em que José Bonifacio produziu um dos seus mais eloquentes discursos; e o de 6 de Junho de 1889 sob a presidencia do Visconde de Ouro Preto, o ultimo da monarchia, que deu occasião ao prophetico discurso do Padre João Manoel terminando por um viva a Republica que foi

correspondido com enthusiasmo indescriptivel, e que fez lembrar a D. Antonio, Bispo do Pará, que assistiu á sessão, a figura do Abbade Gregoire o annunciador da revolução franceza.

A geração que não assistiu estas scenas, que não vibrou com ellas e que vive na situação actual de indifferentismo pelas grandes idéas, e sob o peso de um brutal materialismo, não póde comprehende-las nem aprecia-las devidamente. Mas é preciso que ella saiba que foi com estas praticas que se resolveram as duas grandes questões: a libertação dos escravos e a proclamação da Republica sem derramar sangue. No momento, é mais agradavel recordar o passado, que pensar no presente ou cogitar do futuro.

FERREIRA VIANNA.

(Suetonio).



Recordações de Viagens

É BEM certo o que diz o velho proloquio: *quod volumus, facile credimus.*

Estavamos, nós os constructores da linha telegraphica de Uberaba ao Araguaya, acampados nas immediações do arroio *Fumal*, não longe de uma tapéra, que mal se revelava por uns velhos e esqualidos esteios de aroeira, algumas vetustas goiabeiras, bananeiras e laranjeiras, quando nos chegaram aos ouvidos, contados com phrases entrecortadas e timidas, os mysterios da matta do *Fumal*.

Ninguém a vadeava impune, em horas mortas da noite, sem presenciar scenas horripilantes — fantasmas horrendos, que galgavam a garupa do animal, agarrados ás costas do cavalleiro, apertando-lhe convulsos o tronco do corpo, a ponto de suffocar-lhe a respiração.

O temor era de tal ordem, os boatos tornaram-se tão insistentes, com visos de tal ou qual verosimilhança, que os mais corajosos do acampamento evitavam fazer, á noite, essa travessia perigosa e apavorante. Não ha como evitar, diziam os prudentes.

Quiz o accaso que um companheiro fosse o primeiro a tentar á noite a passagem da matta, a contragosto seu.

Retardamento involuntario em sua viagem, impediu-lhe de alcançar com dia a matta do *Fumal*.

Regressava ao acampamento, acompanhado de um *camarada*, que era um bemaventurado surdo-mudo.

Em muitas occasiões ouvira as referencias á mal assombrada matta, mostrando-se sempre incredulo e escarninho.

Vinha elle cavalgando um animal, já cansado de uma longa marcha forçada.

Por mais que o fustigasse, não conseguiu alcançar a mal afamada matta, senão de noite. Eis que o faz.

Tinha o coração apertado, os cabellos a se lhe eriçarem na cabeça, a ponto de parecer que lhe arrebatavam o chapéu, que não mais sentia.

A saliva seccou-se-lhe á boca; a respiração tornou-se estertorosa; os olhos vagueavam na escuridão, esgaseados e perscrutadores.

Forte tremor nsvoso sacudia-lhe todo o corpo, como se fora presa de um formidavel circuito electrico a contorcer-lhe os nervos e a queimar-lhe as carnes.

Suores glaciaes se lhe desprendiam do rosto em bategas.

Ensurdecedor zumbido vibrava-lhe as trompas auriculares.

Não tinha a sensação de que estava montado, mas que estranha força o impellia no espaço, sem que o seu organismo pudesse oppôr a menor resistencia.

A sua situação pareceu-lhe confrangente, mas era preciso proseguir, fossem quaes fossem as surpresas que lhe estivessem preparadas. A noite estava negra.

Os pyrilampos quaes pharóes minusculos, mostravam com intermitencias a sua luz phosphorescente e baça, que mais o intimidava.

Os insectos desprendiam alacres e estridulos zumbidos.

As cavalgaduras com as orelhas erectas, passos tropegos, tacteavam por sobre o pedregulho da estrada, receiosas dos buracos, que lhe crivavam o leito irregular.

Mudo, sob a impressão nervosa de uma subita apparição dos fantasmas, arrastava o viajor momentos de cruciante incertesa e de presagos receios.

A todo instantante afigurava-se-lhe a presença de vultos alvadios, de formas descommunaes, a se agitarem desordenadamente, caminhando ao seu encontro, de braços abertos em cruz, olhares flammejantes, face encaveirada.

Das macilentas mãos como que pendiam afiados alfanges.

A cabeça rodopiava-lhe sobre os hombros; e um fremito de horror invadia-lhe os tecidos medulares.

Os seus olhos desmesuradamente abertos, fixos nesses fantasmas macabros, que lhe tumultuavam a imaginação, nada distinguiam afinal. Parecia que essas sombras infernaes se desfaziam inopinadas para se reconstituir logo após. Era cruel a sua situação.

Atrás, ouvia os passos incertos da alimaria cavalgada pelo imbecil camarada, que o seguia maquinalmente.

Na sua feliz inconsciencia, o companheiro, recolhido á sua insensibilidade nervosa, tirava acres e quentes baforadas d'um desgraçoso e nouseabundo cachimbo de argila grosseira.

De quando em quando o silencio da noite era quebrado pelo crepitar convulso desta chaminé em miniatura, alimentada por uma esterrotante sucção, operada no canudo vegetal, que se lhe engastava.

O medroso viajor volvia então seu corpo sobre a sella, para certificar-se da procedencia de tão estranho arruido.

A presença do camarada como que lhe reanimava a alma, inundando-a de uma coragem momentanea, fugaz.

Para logo esta se desvanecia.



O roçar da folhagem, ora no seu rosto e corpo, ora nas botas, trasia-lhe sobresaltos terríveis. Parecia-lhe que o agarravam.

Nesta pouco invejável situação chegou elle a alcançar o regato, em cujas quietas aguas desalterou o sendeiro, que o conduzia por sitios tão soturnos.

Este, sem se contentar, subia pelo leito pedregoso do arroio, a assustar o pobre cavalleiro, que temia vel-o cair em algum *perúu*, e assim proporcionar-lhe um banho nada recommendavel em tão critica situação.

Appeteceu-lhe fumar um cigarro; o que fez, accendendo-o no cachimbo do palerma que o acompanhava.

Emquanto saboreava a aromatica fumaça, o animal sugava a agua mansamente. Desde que este, satisfeito, levantou a cabeça, fustigou-o e fel-o galgar a ribanceira opposta.

Logo adiante reconheceu a proximidade da tapéra, e o seu coração pulsou celere. Era ali provavelmente que se lhe mostrariam os temidos fantasmas. Avançou resolutivo, porém com a alma na mão. Um cheiro caracteristico de capim gordura denunciou-lhe a presença da tapéra.

Atravesou-a e penetrou em espessa matta. Terminada esta, entrava num *campestre*, quando deparou-se-lhe á distancia uma luz azulada e vagueante.

O acampamento da commissão tinha estado naquellas immediações, de sorte que antolhou-se-lhe a presença de algum viajante aboletado em um dos muitos ranchos abandonados. Deu de rédea para a luz.

Essa supposição criou-lhe alma nova; teria noticia segura da posição do acampamento, e ali poria fim á sua já penosa e cruciante etapa.

A sua decepção, porém, foi enorme; a luz era movediça e afastava-se á sua aproximação.

Tentou surprehendel-a esporeando o animal e forçando-o a um galope; porém nada conseguiu, porque a luz fugia sempre, presurosa, estonteante. Falou, gritou; ninguem lhe respondeu.

Um frio gelido percorrou-lhe o systema nervoso; e elle sentio suas forças pereclitantes.

Num esforço supremo arrancou do revolver e fez fogo contra a luz. Esta, impassivel, indifferente aos tiros que visavam apagal-a, destruil-a, mantinha-se pertinaz, zombando dos gritos e das balas do alucinado viajor.

A coragem faltou-lhe por completo; e considerando-se só, porque o companheiro nada comprehendia da gravidade de sua situação, chegou as esporas á ilharga do animal e o *relhaço* na sua anca suarenta, em demanda de um morador, que sabia não se achar muito

longe. A estrada, elle a perdera, de sorte que corria pelo campo em fóra dando gritos medonhos.

A luz perseguiu-o por muito tempo; e só deixou-o quando elle avistou um fogo não muito longe, que denunciava a morada salvadora.

Com os estampidos dos tiros, que disparou, e gritos que desferiu, a cansoada do fazendeiro lançou-se ao seu encontro, ladrando furiosamente, ensurdecedoramente.

A esse tempo o fazendeiro e companheiros da commissão que ali se hospedavam, saíram para fóra e corresponderam aos gritos.

Afinal chegam os dous cavalleiros. A' interrogação do que lhes havia succedido, o viajor, com a voz alterada, dominado por um terror profundo, que se lhe estampara na physionomia, mal poudo explicar o occorrido.

Passado os primeiros momentos, em que todos se mostravam receiosos de que algo de extraordinario se tivesse passado, os companheiros, readquerindo a calma, ouviram e commentaram o caso no intuito de convencer o recém chegado de que elle fora victima de uma forte auto suggestão. Ademittida a presença material da luz, elles explicavam-na cabalmente, sem lhe convencer, que foi o pavor que lhe fez vêr aquillo, que só estava em sua imaginação.

Tratava-se de um companheiro destemido, que em diversas occasiões houvera dado provas sobejas de sua bravura.

Baqueou ante a perspectiva de seres tenues, imponderaveis, que se diluiam ante a sua melhor observação.

E' que o medo se prende á superstição, e esta nos vem dos tempos infantis.

Conheço homens valentes, que não recuam diante de balas a sybilarem no espaço, por sobre sua cabeça, mas que se temem de almas do outro mundo.

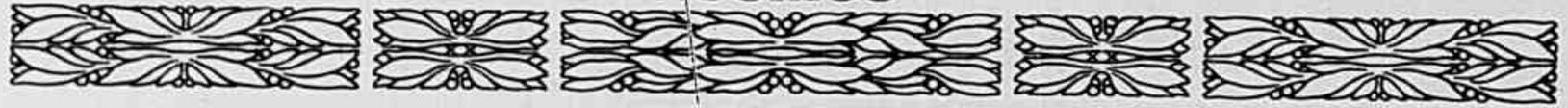
Não ha exemplo de pessoa alguma que se tenha deixado morrer em consequencia de ferimentos de qualquer especie, vibrados por espiritos errantes no espaço; no entretanto, o homem morre de gélido terror ante a sua perspectiva; quando se mostra de uma intrepidez temeraria ante os palpaveis agentes da morte.

Quantos se atiram resolutos á linha de fogo, mas que não se animam a penetrar as sós em um cemiterio, a horas furtivas da noite!

São cousas que se prendem á superstição, sentimento como que innato ao homem.

O meu companheiro fora victima, por certo, de uma auto-suggestão, que lhe permittio vêr essa luz fugaz.

O desejo de vencer incolume a matta, exerceu em seu espirito a suggestão dessa luz, que



elle quizera verdadeira, indicando a presença de pessoas do acampamento.

Seu systema nervoso soffrêra horrivelmente; e estava a exigir um prompto repouso, após uma tranquillidade de espirito, que lhe não veio.

Por mais que os companheiros se penalisassem delle, do seu estado de espirito, evidentemente alterado pelos effeitos do mêdo, entraram a trocar o caso até alta noite.

O Sr. Umbelino, que era o proprietario da fazenda, mantinha-se calado e crente em toda aquella historia.

Desde tenra idade ouvira referencias tetricas sobre a mal assombrada matta.

Os seus membros crispavam-se-lhe a medida que o recémvindo descrevia os horrores porque havia passado, sob a coacção moral daquella luz pertinaz, que tanto o perseguiu e causticou.

E dizer se que um homem valente, como este o era, corrêo a bom correr de uma luz azulada e fugaz, que o perseguia!

Effeitos da superstição.

Imagine-se como foi elle recebido no seguinte dia no acampamento.

Por mais que imprimisse ao rosto uma indecifrável expressão de quem curtira momentos dolorosos ante factos positivos, ninguém acreditou naquillo, affirmando todos que fora o medo o autor daquella obra.

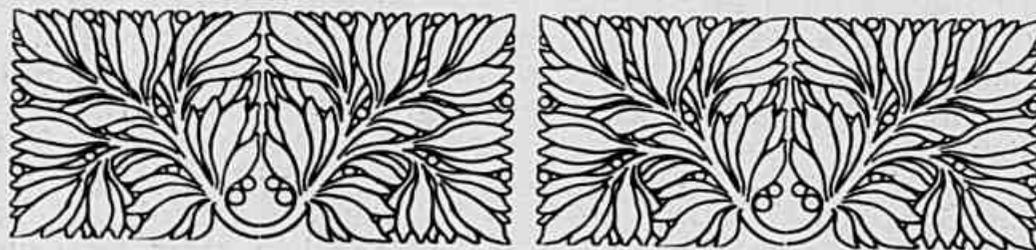
Até os presentes dias, ninguém conseguiu apagar-lhe da imaginação a convicção inabalável de que verdadeiros fantasmas e uma luz mysteriosa se lhe mostraram naquella memoravel noite, cuja lembrança lhe traz calefrios.

Este companheiro, que é um official distincto, cinge actualmente os galões de capitão.

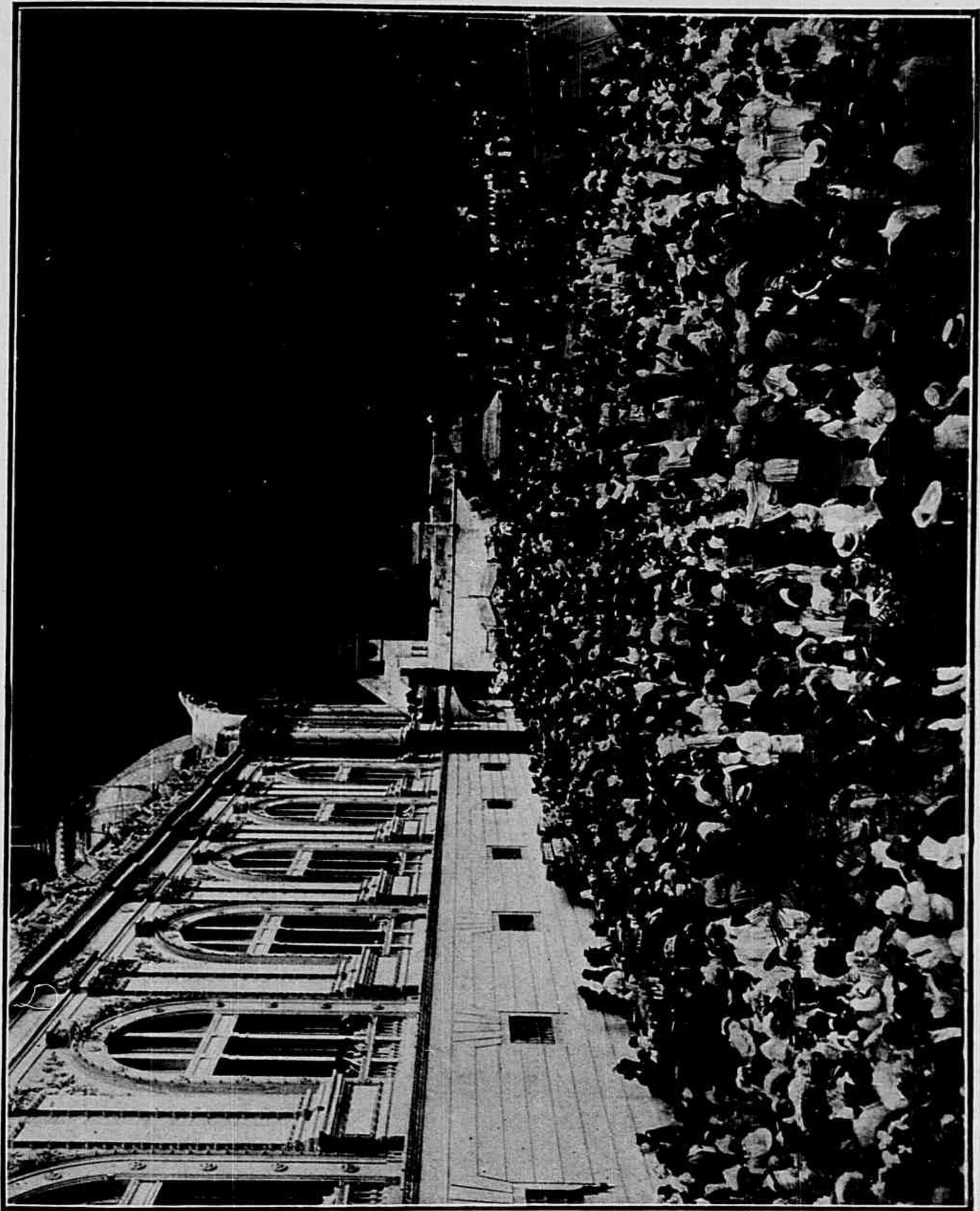
Disciplinador, ousado, foi o official escolhido para conduzir ao acampamento uma leva de soldados insubordinados, dos que tomaram parte na revolta do 2º regimento de artilharia.

Por sua força moral e temeraria coragem conduziu-os pelos sertões, através cento e muitas leguas, sem temor, nem receios. Veio, porém, baquear ante a superstição, ante seres que só existiram em sua impressionante imaginação.

EDUARDO SOCRATES.



Exposição Nacional



UM DOMINGO



NA FRONTEIRA

NA EMBOCADURA DO PEPIRY-GUASSÚ EM 1897.

— O FEITOR DA MINHA TURMA. — O MEU COMPANHEIRO ARGENTINO, CAPITÃO PICASSO. — QUINZE ANOS DEPOIS.

A OITO kilometros acima do formoso salto de Mocona, onde o Uruguay, se despeña bramindo do alto dum paredão de diorito com dez metros de altura na estiagem e quasi dois kilometros de comprimento, desemboca o famoso Pepiry-guassú, escondido por um ilhote de sarandyses, que vae ao fundo nas cheias.

O curso desse pequeno affluente historico, com as suas innumeras voltas caprichosas, mal



SALTO DE MOCOÑA

atinge a quarenta e quatro leguas geographicas.

A largura da sua foz é de cento e vinte metros apenas.

As suas principaes nascentes brotam copiosas de vasto tremedal onde borbulham grandes olheirões d'agua fria e crystallina, á sombra de magestosos pinheiros e airosos *xaxys*, que tem o porte de palmeiras e basta fronde erriçada.

Bem proximo, á poucos metros desse brejal, vê-se num restricto planalto uma lagoinha de forma ellyptica singularmente regular, que o naturalista Burmeister acredita, não sei com que fundamento, ser a cratera dum extincto

vulcão. Nessa chapada erigimos, brasileiros e argentinos, em 1903, um dos marcos principaes da nossa fronteira, que assignala o termo da linha fluvial do lado do Uruguay e o começo da terrestre que vai pelo divisor de aguas acabar na nascente principal do rio Santo Antonio, a vinte e quatro kilometros de distancia, no rumo geral de noroeste.

O Pepiry-guassú desce aos saltos, espumante e ruidoso, precipitando-se de penhasco em penhasco e rasgando as serranias, que o apertam nos duros flancos de basalto.

As suas margens, desde as altas nascentes escondidas em pinheirões emmaranhados de *taquarembós* e *taquapys*, até á sua entrada no Uruguay, são cobertas de densas mattas.

A zona dos pinheiros e arvores de matte que termina no salto grande, tem quinze metros de altura. D'ahi para baixo a floresta é mais magestosa e mais rica de madeiras preciosas.

A altitude da sua cabeceira principal é de oitocentos metros e a da embocadura de cento e cincoenta.

A declividade de 2.^m68 por kilometro indica bem que o Pepiry-guassú é uma torrente impetuosa.

Da sua excepcional tortuosidade adveio-lhe certamente o nome, porque o verbo guarany — *pepy* — significa — torcer e o substantivo — *y* — agua; — donde — *Pepiry* — que quer dizer — *rio tortuoso*.

Alem desse, o mais antigo, deram-lhe tambem o de — *Pequiry* — que significa — rio das piabas. — E' notavel, com effeito, a quantidade enorme desses peixes, na sua embocadura.

O nome actual foi-lhe dado pelos primeiros demarcadores do seculo 18.^o

Com o primitivo de *Pepiry* figura na tradição oral do seculo 17.^o e no livro do capitão Ruy Diaz de Guzman — *Argentina*.

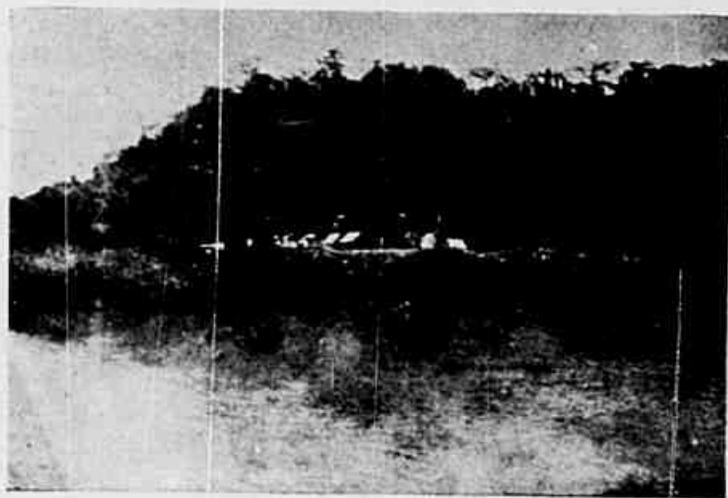
Consideravam-no então um emulo do rico Pactólo, depois que Midas, o auritissimo rei, se banhou nas suas aguas.

Gosava, não sei porque, da fama de arrastar muito ouro com as suas areias e bellos seixos de variegadas côres.



Os Padres da Companhia de Jesus attribuíram-lhe a origem da calúnia de profanos cavadores do precioso metal.

A sua notoriedade avolumou-se nos fins do seculo 18º, depois das acrimoniosas discussões travadas entre os commissarios portuguezes



ACAMPAMENTO NA BOCA DO PEPIRY-GUASSÚ

e hespanhões, que foram mandados executar o tratado preliminar de Santo Ildefonso de 1º de Outubro de 1777; discussões impertinentes e não raro harto descortezes, em que representaram papel saliente D. Diégo de Alvear e o coronel João Roscio.

Quizeram os commissarios de Castella dar o seu nome de — Pepiry ou Pequery — a outro rio mais oriental; lhes não convido conformar-se com a demarcação de Alpoim, e Arguêdas em 1759, nem respeitar as instrucções positivas e claras do Vice-rei de Buenos-Aires. D. Juan de Vertiz.

Um dos officiaes castelhanos, dos mais conspícuos não só pelo saber como pela prosapia, pois brasonava o seu escudo com cabra de sable saltante em campo de ouro, acoimou-o de ladrão de alheio nome, gravando em uma das suas nascentes a seguinte inscripção injuriosa:

«Pepiri, prodato Nomine vocor».

Renovaram-se no seculo 19º as discussões do anterior até que brazileiros e argentinos resolveram sabiamente recorrer á arbitragem para deslindar o velho pleito.

Em Fevereiro de 1895. O Presidente Cleveland dos Estados Unidos decidiu que o Pepiry-guassú pretendido por nós é o rio em cuja bôca os commissarios Alpoim e Arguêdas deixaram num pau de 13 metros de altura a seguinte inscripção: — R. F 1759.

Era alli que estavamos reunidos em Junho de 1887 com a partida argentina, á qual tocou a tarefa de explorar conosco os rios occidentaes do territorio então litigioso. Acampamos perto, elles na bôca do rio, na margem argen-

tina, nós, um kilometro para dentro, na margem esquerda.

Haviamos concluido os trabalhos de sondagem, e planteamento circunstanciado da fôz e seus arredores, assim como do rio Uruguay desde o Jaboty-guassú.

Esperavamos, para subir e iniciar a nossa exploração, que chegasse da Colonia Militar do Alto-Uruguay, o commissario argentino D. Artur Seelstrang, ex-tenente da guarda real Prussiana e professor de geodesia na Universidade de Cordova.

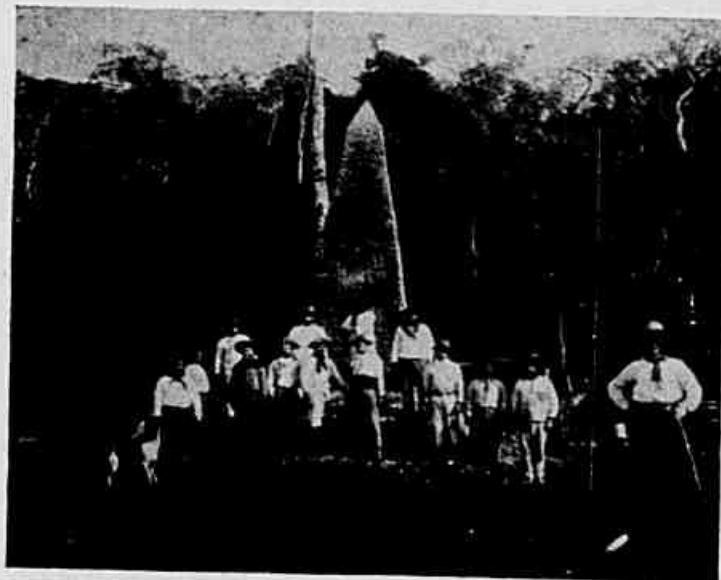
Detinha-o alli a demora — *del proveedor Santos Bergareche*, — varconso de Guipuzcôa, que lhe faltava não só com o bastimento, como tambem com os meios de transporte para o seu pessoal, forçando-o a protrahir á partida da expedição. Tanto a turma brasileira como a argentina tinham pessoal bastante reduzido.

A nossa escolta compunha-se de um cabo de esquadra e seis soldados escolhidos, e a peonagem de seis teuto-brasileiro e allemães de Blumenau e Itajahy, capitaneados por Friedrich Kuhlmann, velho marinheiro de longo curso que diziam haver nascido no valle do Wupper, perto de Elberfeld, na Prussia Rhennana, duma familia de tecelões.

Depois de muito viajar, o marinheiro achou bom porto em Santa Catharina e deitou ferro. Casara-se alli havia mais de vinte annos.

Jamais me approuve andar com grande comitiva pelas solidões da fronteira. O deserto pede pouca gente.

Aquelle em que estavamos é excepcional, porque tem ameno clima, aguas perennes e



MARCO ARGENTINO DA-BOCA DO PEPIRY-GUASSÚ

boas, terras prodigiosamente ubertosas e matas opulentas.

Infelizmente infestam-no, até chegar o homem civilizador, legiões incommo-



gas do mundo inteiro: borrachudos insaciáveis, moscas de berne asquerosas, morissócas cantoras e transmissoras da malária, mutucas sedentas de sangue, mucuins avermelhados, carapatos pertinazes, mosquitos polvora...

Kuhlmann não fallava, nem comprehendia o portuguez. Tinha um filho, o Fritz, que era o nosso trugimão e portamira.

O velho, de alta estatura, trazia o cabello á escovinha. O bigode cahia-lhe em longas guias aos lados da bôca. Muitos fios prateados entremeavam-se nos seus cabellos de oiro fulvo. O azul dos olhos tinha mais do tom esbranquiçado do aço do que do ceruleo celeste.

No acampamento e nas picadas andava de bótas ferradas, que lhe subiam até aos joelhos. Quando embarcava, trocava-as por alpargatas de sóla de corda.

Seu trajo costumeiro era uma blusa de baêta azul, que lhe dava aspecto militar; calças de ganga da mesma côr e chapéu de feltro negro. Levava á cinta um facão de larga lamina de



MARCO DA CABECEIRA DE SANTO ANTONIO

Solingen, com punho de chifre e bainha de coiro.

Timbrava no cumprimento do dever. Dava gosto vel-o de pé na pôpa da canôa, quando a lançava pelas cachoeiras á baixo.

Sabia orientar bem uma picada e escolher bons acampamentos.

Destro atirador, matava á bala as jacutingas ariscas.

Soldados e peões, brasileiros e argentinos, tratavam-no com respeito e estima.

Sobrio e abstemio como um trappista, podia servir de modêlo a outros feitores.

Quando se achegava de um superior, perfilava-se á distancia, batendo forte com os calcanhares e levando a mão direita á aba do chapéu.

Aproveitei a demora do commandante Seelstrang, e mandei construir duas canôas para substituirem outras que pouco nos poderiam servir, por estarem com os fundos arrombados de tanto roçarem nas pedras dos saltos e das cachoeiras do Goyo-en para baixo.

O Kuhlmann foi o constructor.

Entrou na reboleira proxima e achou dous cedros colossaes.

Derrubou-os, desmanchou-lhes a galharia, torou-lher os troncos a serra, falquejou-os a machado, afeioou-os a enxó, covou-os a fogo e arredondou-os a goiva.

Em poucos dias surgiram dos troncos aromaticos duas formosas embarcações vermelhas e acepilladas, com bancos e xadrezes em seus lugares. Estavam providas de remos e de tudo, até de bastidouros para esgotar as aguas das marejadas.

Marquei o seu lançamento para o dia 23 de julho, por ser para mim uma grande data, o anniversario natalicio de minha mulher.

A noite da vespera foi escura. As nuvens densas não deixavam ver uma estrella. Só os pyrilampos volteavam em ziguezagues com scintillações de esmeralda.

Não se ouvia no acampamento o crepitar alegre dos fogões; nem o allumiava a luz vermelha e viva das labarêdas.

Os brasidos amortecidos não conseguiram romper o negrume daquellas trevas de inverno.

Palestrava com o João do Rego Barros e o Leite Ribeiro na porta da minha tenda onde bruxoleava na ponta d-uma vara uma lanterna enfumaçada e coberta de milheiros de bruxas e mariposas nocturnas, que mal deixavam passar a luz.

Ouvia-se o forte resomnar dos homens nos giráus e a fanhosa coaxação dos sapos no banhado proximo.

Ja nos haviamos habituado ao bramido das cachoeiras que sóbe de intensidade nas noites frias e o não sentiamos mais.

A cainçalha do acampamento pôz-se a laladrar e correu para a barranca. Ouvimos forte estampido.

Quem deu este tiro?

Perguntei.

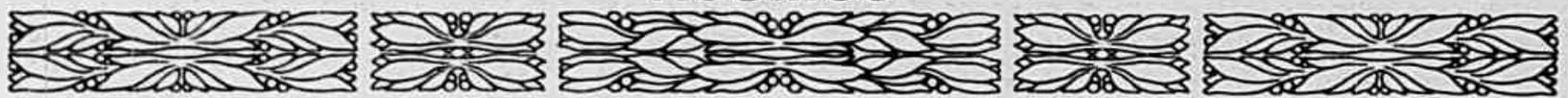
Um vulto estranho rompeu da escuridão. Era-lhe a Estatura agigantada.

Longa barba revolta cobria-lhe o largo peito. Basta grenha hirsuta descia-lhe até á cintura. Embuçava-se em amplo manto vermelho.

Pousava-lhe na cabeça enorme e leonina uma corôa denticulada, e a mão direita empunhava longo tridente de pontas agudas.

Avançou para nós lento e solemne; e á poucos passos parou. Fitou-nos hirto por momentos e levantando o tridente fallou.

A voz lhe era cava, e retumbava como se sahisse gemendo de profunda caverna. Longo tempo discorreu em lingua estranha, apontando de quando em quando com o tridente para o norte.



Retirou-se, como veio; lento e solemne. Ouvia-se-lhe o toar pesado dos passos vagarosos.

Ao sumir-se nas trevas, reboou outro tiro; e sinistro clarão avermelhado tingiu a face negra do rio.

Corremos á barranca e um barquinho em chamas afastava-se ao som da corrente em rapidos gyros.

Quando voltamos, o velho Kuhlmann accendia tranquillo n'um tição seu grande cachimbo de porcelana.

Pedi ao Fritz a explicação d'aquella scena singular.

Disse-nos sorrindo que o pai se disfarçara em Neptuno com barba e cabelleira de samambaia, para celebrar a cerimonia ritual do lançamento das canôas, no dia seguinte. Viera como soberano das aguas declarar-nos que consentia com prazer, por bem conhecer os nossos designios, que as novas embarcações remontassem incolumes as grandes cachoeiras,

Quando abri a barraca, ja o sol banhava de luz dourada o cimo verdenegro da floresta da outra margem

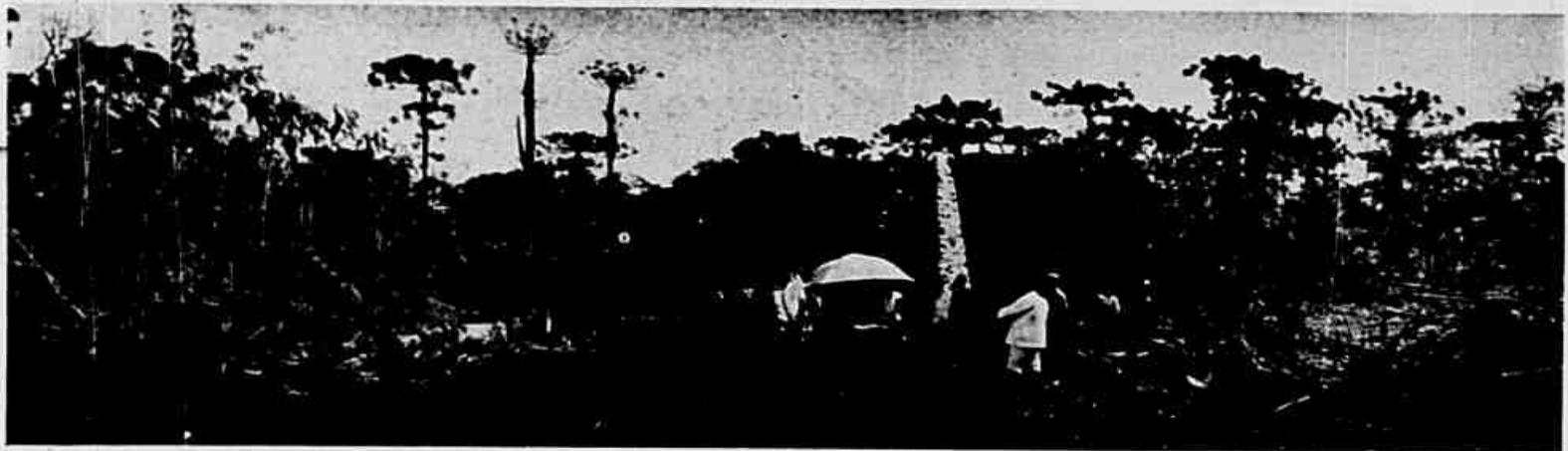
Senti o coração expandir-se ao contacto da alegria de tudo, que me cercava.

Era suave o espinho da saudade que o pungia n'aquelle momento.

O acampamento estava em festa, soalheiro e empavesado: as miras novas ao alto e ornadas de festões; as grandes bandeiras de signaes, as bandeirolas das balisas, e os pequenos pavilhões das nossas canoas fluctuando ás brisas matutinas nos tópes de taquáras enfeitadas; os stampfers e theodolitos armados nas tripodes com os bronzes reluzindo aos raios carinhosos do sol.

Os officiaes, a escolta e a peonagem no mais franco regosijo festejavam o feliz anniversario natalicio.

Um dos mais influidos era o velho allemão. Pescára na vespera dois dourados alentados



INAUGURAÇÃO DO MARCO DA CABECEIRA DO PEPIRY-GUASSÚ — 2 DE JULHO DE 1903

trepassem victoriosas as escarpas dos saltos e superando todos os obstaculos chegassem com felicidade até ás nascentes remotas do Pepiry-guassú.

Concluo, que assim como aportára ao nosso acampamento com agua; voltava ao seu palacio nas profundezas do oceano, com fogo. O fogo foi o lenho inflammado, que vimos deslizando rio abaixo.

Agradei ao velho a sua affectuosa manifestação e, caso raro, vimol-o sorrir.

Offereci-lhe um trago de aguardente; apenas pousou os labios no calice. Entretanto a noite era fria e humida.

Na madrugada de 23 despertei aos sons alegres d'um canto entoado pela voz de barytono do Kuhlmann acompanhada pelos homens de Blumenau e pelo accordéon do Karl Eichemberg, nosso cosinheiro.

Em quanto me vestia, cessou o canto e os ares estrugiram com vivas á festejada.

no remanso da ilheta de sarandyses da emboadura; e o Karl Eichemberg assava-os em longos espêtos, frigia-os em enorme caçarola e cosia-os com toucinho no caldeirão da feijoadada, por ser bastante escassa a nossa frasca de campanha.

A's oito horas, mais ou menos um soldado bradou — ás armas — do topo da escada do porto, esborcinada pelo perpassar da gente e pelas enxurradas.

Subia o Pepiry-guassú pela margem opposta uma flotilha salvando. Eram as canoas da commissão argentina com o capitão Picasso no commando e o tenente Dousset na manobra, que vinham associar-se á nossa festa.

Vinte e um tiros das Comblains da nossa escolta responderam á saudação das Remingtons dos nossos amigos; as bandeiras verde e ouro e azul e prata desceram e subiram tres vezes aos topes dos mastros; e vivas retumbantes ao Brasil e á Republica Argentina irromperam das duas turmas.



Abicaram ao porto e foram recebidos com o carinho, que bem mereciam. Cooperavam connosco, esforçados e leaes, para o esclarecimento de duvidas geographicas, que ainda se oppunham á boa intelligencia e cordialidade, que devem existir entre dois visinhos grandes e prosperos.

Passaram connosco o dia inteiro.

Soldados e peões com o velho Kuhlmann, mestre de cerimoniaes, fizeram o melhor gaza-lhado á gente do capitão Picasso.

Levavamos para os dias extraordinarios como aquelle, algumas *bruúcas* cheias de conservas, doces finos, vinhos, licores, cerveja...

Dei ordem franca ao cabo Juvenal, e no fim do dia nada deixaram em údo nem miúdo. Tudo se sumiu na voragem d'aquelles quarenta appetites estimulados pela novidade das guloserias, pelo prazer da companhia e pelo frio tonificador.

Desse dia ao diante não houve senão uma cosinha na nossa turma. Officiaes, soldados e peões comiam do mesmo caldeirão e bebiam da mesma cafeteira.

Foi bom assim, porque nos dias tristes da penuria os officiaes deram o exemplo da resignação, aquinhoando-se com os soldados igualmente das rações minguadas da fome.

O capitão Picasso (Juan Capurro) era um dos officiaes mais illustres da marinha da sua nobre patria, não só pelo seu character austero, como tambem pelo talento e capacidade profissional.

Pouco expansivo, não inspirava, logo á primeira vista, sympathias. Conquistava, porem, a amizade e o respeito dos que tiveram, como eu, a felicidade de privar com elle.

Foi o nosso mais forte e dedicado companheiro na ardua e laboriosa exploração.

O commissario Seelstrang não podia, por motivos de má saude, tomar parte activa nos trabalhos topographicos; pagou com a vida, logo após a retirada da commissão, os maus dias d'aquella penosa epocha.

Trabalhamos sempre com o capitão Picasso. Subimos juntos o Pepiry-guassú, levantando a planta dos seus meandros interminaveis e vencendo as coleras das suas quatrocentas cachoeiras até ás nascentes empantanadas.

Palmeamos a picada tortuosa do divisor de aguas até ao porto das canôas no rio Santo Antonio, onde uma velha onça cangussú arrancou com os dentes um pedaço de craneo do valente Manoel dos Santos e quasi o devorou.

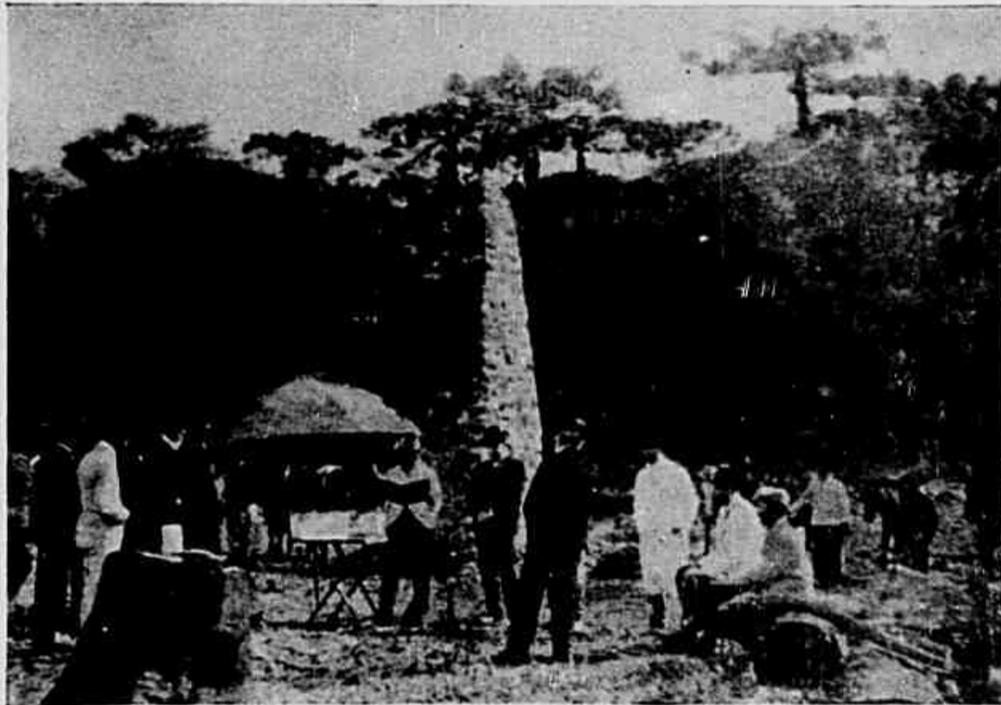
Descemos este rio, luctando com os seus milheiros de obstaculos até a embocadura no Iguassú; passando morosamente de estação á estação, ao sol e á chuva, acampando juntos, juntos soffrendo e confiando um ao outro as nossas saudade e os nossos sonhos e esperanças.

Jamais pairou entre nós a mais tenue sombra de desconfiança. E' que não davamos abrigo a ideias preconcebidas. Guiava-nos o mesmo amor da patria.

Eramos estimulados pelo mesmo respeito á nossa probidade profissional e desprezavamos a mentira e a falsidade.

Sobre ser marinheiro, o capitão Picasso era filho de italianos de Genova; por isso muito supersticioso.

Tinha ogerisa ao numero 13.



INAUGURAÇÃO DO MARCO DA CABECEIRA DO PAPIRY-GUASSÚ
2 DE JULHO DE 1903

Numero fatidico, dizia elle, que nos persegue desde eras remotas n'esses trabalhos de limites. Augúro mal delles.

O primeiro tratado celebrado entre Portugal e Hespanha foi a 13 de Janeiro de 1750— $1 + 7 + 5 + 0 = 13$.

13 pés de altura tinha a arvore onde os primeiros demarcadores, Alpoim e Arguêdas, gravaram na bôca do Pepiry-guassú a inscripção — R. F. 1759.

A 13 de Julho do mesmo anno partiu uma turma de paulistas para examinar o salto grande de Iguassú e procurar um varadouro para as embarcações dos demarcadores.

Os nomes dos geographos *Pacheco e Millau*, que descobriram o rio Santo Antonio têm

13 letras. 13 dias elles gastaram nessa primeira exploração em 1759.

O dia onomastico de Santo Antonio é 13 de Junho.

A 13 de Dezembro d'aquelle anno, os commissarios Alpoim e Arguêdas receberam carta de Millau communicando as arduas difficuldades que lhe surgiam a cada passo na busca do Pepiry.

N'esse mesmo dia 13, celebraram uma conferencia sobre o assumpto.

A 13 de Janeiro de 1760 os commissarios puzeram um marco na foz do Iguassú.

A 13 de Setembro de 1788 Oyarvide começou a exploração de Santo Antonio, sem o

13 homens, inclusive o chefe, compunham a turma brasileira n'esse rio.

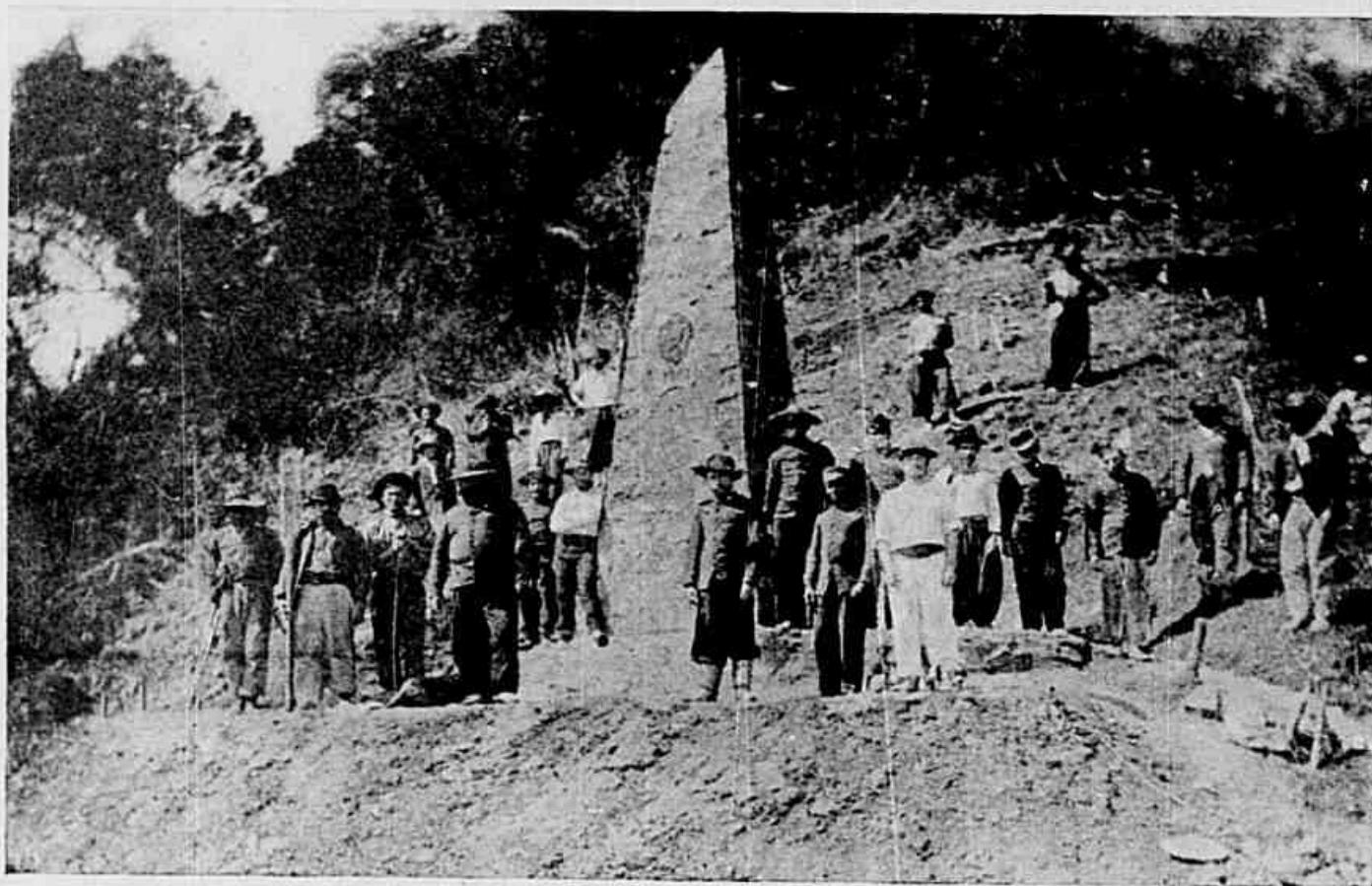
Na estação 13 do divortium aquarum, o nosso stampfer foi por um grotão abaixo.

la muito alem a curiosa estatistica.

Quando, depois de concluida a exploração, partimos da porta do Peray no Paraná para Palmas, perguntei ao tropeiro Ferreira, quantos animaes levavamos. 13, respondeu:

E' de mais, murmurou o Picasso.

Um dia, ao pardejar da tarde, n'um longo estirão tranquillo, do rio Santo Antonio, passava serena pelo fio da corrente uma grande flór amarella formando uma cruz com a ima-



ESCOLTA E PEONAGEM NO MARCO DO BRASIL.

concurso de Chagas Santos, que chegou no dia 15.

13 annos depois do tratado preliminar de Santo Ildéfonso, começou em 1790 a exploração em commum do rio Pepiry-guassú.

A 13 de Julho de 1887 foram inaugurados os nossos trabalhos topographicos na boca do Jaboty-guassú.

A 13 de Setembro chegamos ao barracão argentino da picada de S. Pedro.

A 13 de Outubro ao barracão brasileiro da picada das cabeceiras.

A 13 de Novembro começou o levantamento da planta do *divortium aquarum*.

A 13 de Janeiro de 1888 chegou a nossa turma á embocadura do Santo Antonio.

gem refracta na agua mansa. Fitou-a longo tempo, e ella á descer vagarosa para o remanso, onde estava a nossa estação.

Mau agouro, exclamou: aquella cruz é pre-nuncio de morte;— e espedaçou-a com a ponta dum varejão de taquára.

Poucos dias depois o velho Patricio era picado por uma jararaca e morria no dia seguinte, ligando o seu nome obscuro aos ultimos saltos do rio

O triste acontecimento arraigou mais funda a superstição no grande espirito do meu querido amigo.

Pobre Picasso! Pouco sobreviveu á sua volta á Buenos Aires.



A nossa exploração durou oito mezes, longos como a eternidade e cheios de penas como o purgatorio.

Discutiu-se muito entre sabios e diplomatas que lá não foram a navegabilidade do Pepiry guassú e do Santo Antonio. Nós demonstramos ser possível navegar por elles, arriba e abaixo, levando as nossas canoas pelos seus saltos e cachoeiras infindas. Entretanto é mais navegavel do que elles, qualquer vereda tortuosa e accidentada ou azinhaga no recosto das montanhas. Ao menos não tem as torrentes impetuosas, que tudo levam por diante.

O velho Kuhlmann levou á remos, á sirga, á varejão, á mão e de rastos as nossas embarcações no Pepiry-guassú até ao sopé das escarpas dos altos *itaimbés* do salto Cabrer, á 13 kilometros das nascentes do galho São Pedro.

No Santo Antonio, era frequente, na parte alta do seu curso, não haver bastante agua para a fluctuação, das pequenas canoas.

O Kuhlmann abriu e afundou canaes na madre argillosa ou de pedregaes.

Dias inteiros, argentinos e brasileiros arredaram pedras e esmoucharam arvores no matto ensilveirado dos sarandysaes.

A faina era sempre no leito do rio; já nos remansos, já nas aguas encachoeiradas. Gastaram-se as solas do calçado. Recorreram aos trapos dos saccos de mantimentos e das barracas mofadas para substituirem os sapatos. Desfizeram-se como as solas. Macerados da manhã á noite, aquelles pés sem protecção não puderam mais resistir—apodreceram tambem, abrindo-se em chagas dolorosas, que as pedras cavavam e afundavam ainda mais.

Toda aquella gente estropiada e empedernida do frio da agua e das sezões, soffria estoica, sem um queixume, aquelle tormento atroz. Entretanto nenhuma esperanza de recompensa, nem ambição de gloria a estimulavam. Admiro o rude filho do povo, porque conhece quanto vale.

E o feitor allemão e todos os outros, subiam cada dia um degrau na minha gratidão.

Uma tarde chuvosa, cheguei ao acampamento moido e fatigado, depois de um trabalho de sol a sol.

Desconheci o velho Kuhlmann. Não era o mesmo homem respeitoso e grave. Tinha perdido a compostura. Fallava, dando gargalhadas estridentes.

Achegou-se de mim, n'uma expansão de ternura, com os braços bem abertos para abraçar-me.

Pobre velho! Pagava o tributo da hereditariedade. Era um phenomeno atavico, que não me sorprehendia.

Os seus barbaros antepassados deixaram as sombrias florestas e os páues onde nasceram, para invadir as terras onde o clima era mais doce e a vinha dava uvas sumarentas e vinhos capitosos.

Não poude o velho sobrio e abstemio resistir á fascinação de uma botelha de whiskey, confiada á sua guarda.

Vivia sempre tão molhado e com tanto frio... Demais, a beberria nunca foi vergonha entre germanos de Tacito.

O Fritz pediu-me para perdoar ao pai aquella fraqueza.

Assumi ares de exaggerada gravidade e disse-lhe, que a falta era das mais pesadas e eu estava profundamente contrariado, porque nunca o julgaria capaz de commettel-a.

Na manhã seguinte o bom velho, cabisbaixo e envergonhado acercou-se de mim estorcendo o chapéu nas mãos tremulas e murmurou algumas phrases, que não entendi.

Compreendi, porém, a sua dôr e dei-lhe uma ordem, qualquer, para tiral-o d'aquelle enleio.

Dos homens de Blumenau, dous somente não eram nascidos no Brasil.

Os outros, quando os soldados por galhofa os tratavam de allemães batiam com as mãos fechadas no peito, do lado do coração e exclamavam de cabeça levantada: brasileiro.

No fim dos trabalhos, só o Kuhlmann não fallava a nossa lingua. Era refractario talvez por velho.

Dez annos depois, em 1898, sahia com a familia, de uma novena da igrejinha da Gavea, e ouvi uma voz minha conhecida saudar-me: —boa noite, Sr. Ministro.

Voltei-me—era o meu velho feitor.

Estendi-lhe a mão, que apertou affectuosamente.

Tu por aqui?

Sim, senhor.

Apresentei-o á minha mulher, que já o conhecia muito de nome.

E' o Neptuno do Pepiry-guassú?

Elle sorrindo:—Sim, senhora, o que festejou o seu anniversario no dia 23 de Julho.

Onde estás? perguntei-lhe.

Aqui perto, n'uma fabrica de tecidos.

Como aprendeste o portuguez?

A necessidade, general. Na fabrica é a lingua que se falla.

E Fritz

Morreu de cholerina em Juiz Fóra. Agora estou só... e sahiu-lhe do peito um suspiro, que mais parecia um gemido.

Em fins de Agosto de 1902, deixei a commissão de Limites em Campo Novo e embrenhei-me com um guia e as minhas ordenanças pelas matas fechadas do Turvo e do Pary e



fui sahir na embocadura do Guarita, o Uruguay-pitá dos primeiros demarcadores do seculo dezoito.

Tomei uma canoa ao Domingos Beriba e desci o Uruguay com o meu cabo de ordens.

Por precaução descalcei-me e puz-me em mangas de camisa para, em caso de naufragio, poder melhor resistir aos marouços e redomoinhos da famosa cachoeira dos «Macacos brancos», acima do Apitereby.

A manhã era fria e neblinas alvacentas velavam a face do rio e a canoinha saltava veloz na espumarada dos cachoeiras.

Em menos de duas horas cheguei, á bôca do Pepiry-guassú, que deixára, havia 15 annos.

la construir com o meu illustre collega e amigo o 1.º commissario argentino Sr. Pedro Ezcurra, actual Ministro de Agricultura do seu paiz, dous dos marcos principaes da nossa fronteira.

Depois de mudar a roupa molhada e almoçar, fui visitar o meu velho acampamento de 1887.

Não o teria conhecido, si não fosse o arriozinho que desemboca ao lado.

A escada cavada na alta ribanceira, havia, desaparecido com os degráus de madeira faceados pelo Kuhlmann.

As enchentes violentas de quinze annos arrebatarem-na.

A clareira, que os machados abriram e onde estiveram armadas as nossas tendas, era mato cerrado.

Nada mais reŝtava da nossa passagem, absolutamente nada.

Os velhos troncos decepados esfarelaram-se devorados pelo cupim.

As forquilhas das nossas barracas, as cumieiras e as estacas transformaram-se em terra.

As enxurradas levaram o carvão e as cinzas das fogueiras.

Até as nossas pegadas e os sulcos que o perpassar continuo dos homens abriu naquelle chão humido, apagaram-se ou foram substituidos por traugas de onças e capivaras e trilhas batidas, com piugadas de antas e queixadas brancas.

Sosinho naquelle ermo, evoquei as alegrias do passado: a festa de 23, os cantos teutonicos da peonagem de Blumenau, as canôas novas de cedro aromático, as miras afestoadas de sarmentos floridos, as bandeiras fluctuando ao sopro da viração, as salvas da flotilha argentina, os vivas retumbantes da minha gente.

Nada... só a solidão e a tristeza.

Vi passarem-me pela memoria, involtos em longos sudarios Picasso, Leite Ribeiro, Seelstrang, Rhode, Dousset, Aguiar, Fritz, Manoel dos Santos, Patricio, mallogrados amigos e esforçados companheiros de tantas provações.

Era muito amarga a minha saudade n'aquelle momento, sem um laivo sequer de doçura.

A primavera vinha perto. A mata que desmontamos, renascera emmaranhada e pujante. Na espessura das copas um sabiá cantava mavioso.

Abelhas zumbiam em torno de mim e volteavam de flôr em flôr.

N'um galho brincava um feixe de raios do sol e duas rolas rulavam se beijando.

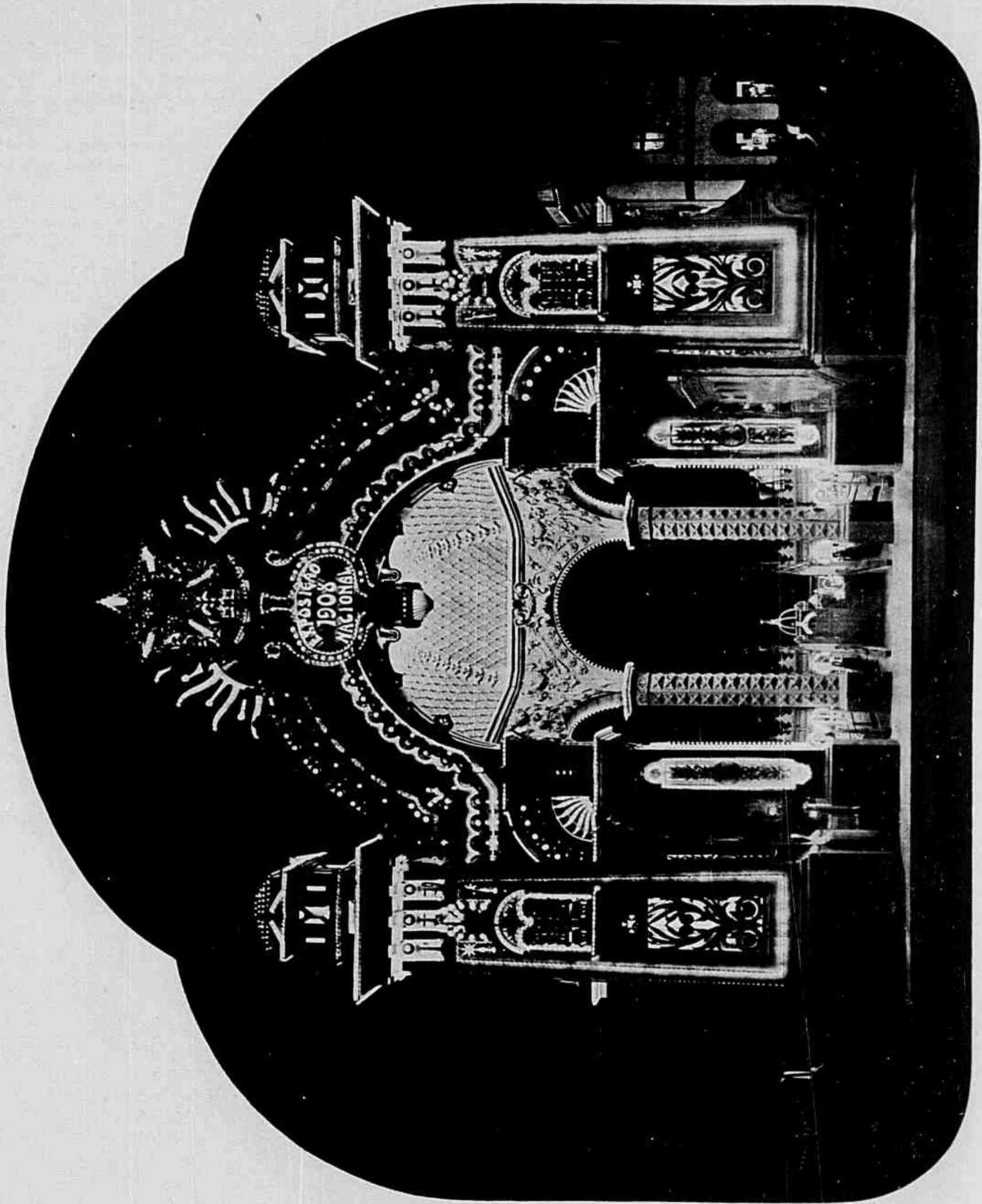
Era o triumpho eterno da vida e do amor.

Quando tornei á bôca do rio, soldados e peões cantavam alegres, acompanhando o toar dos machados no desmonte, e os ipês colossaes desabavam esmagando flores que começavam a desabrochar.

DIONISIO CERQUEIRA.



Exposição Nacional



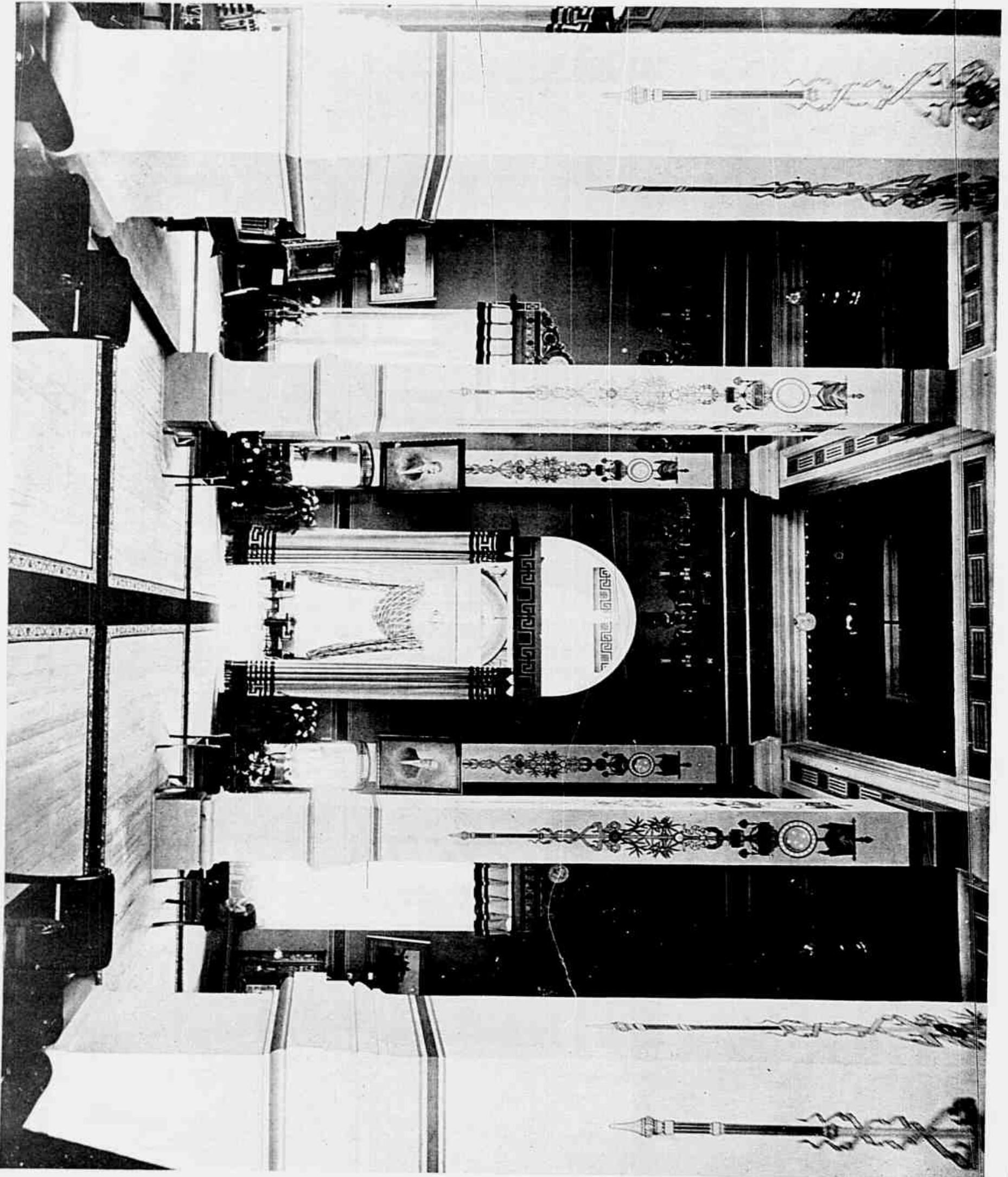
ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO DO PORTÃO MONUMENTAL

Exposição Nacional



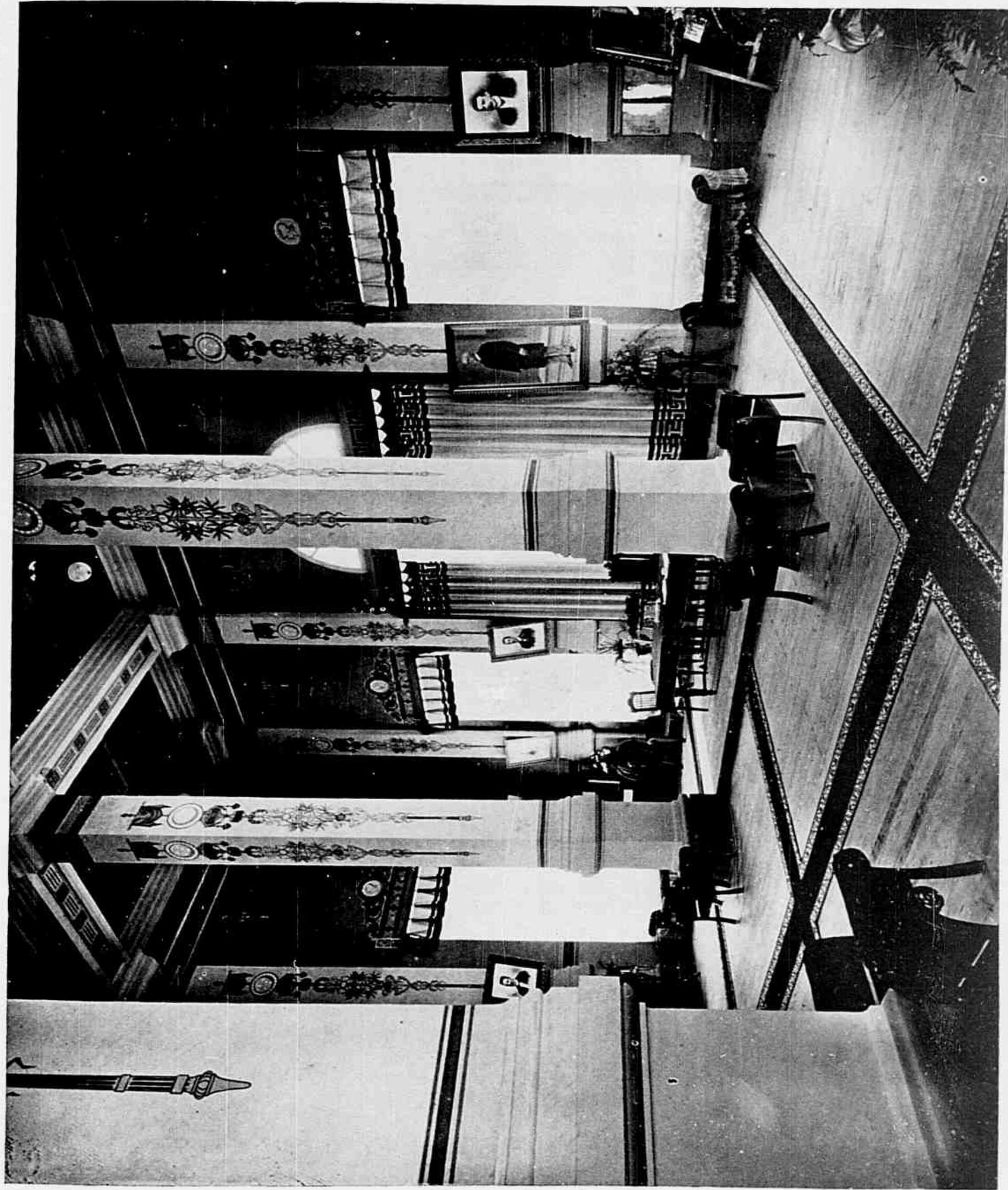
PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES

Exposição Nacional



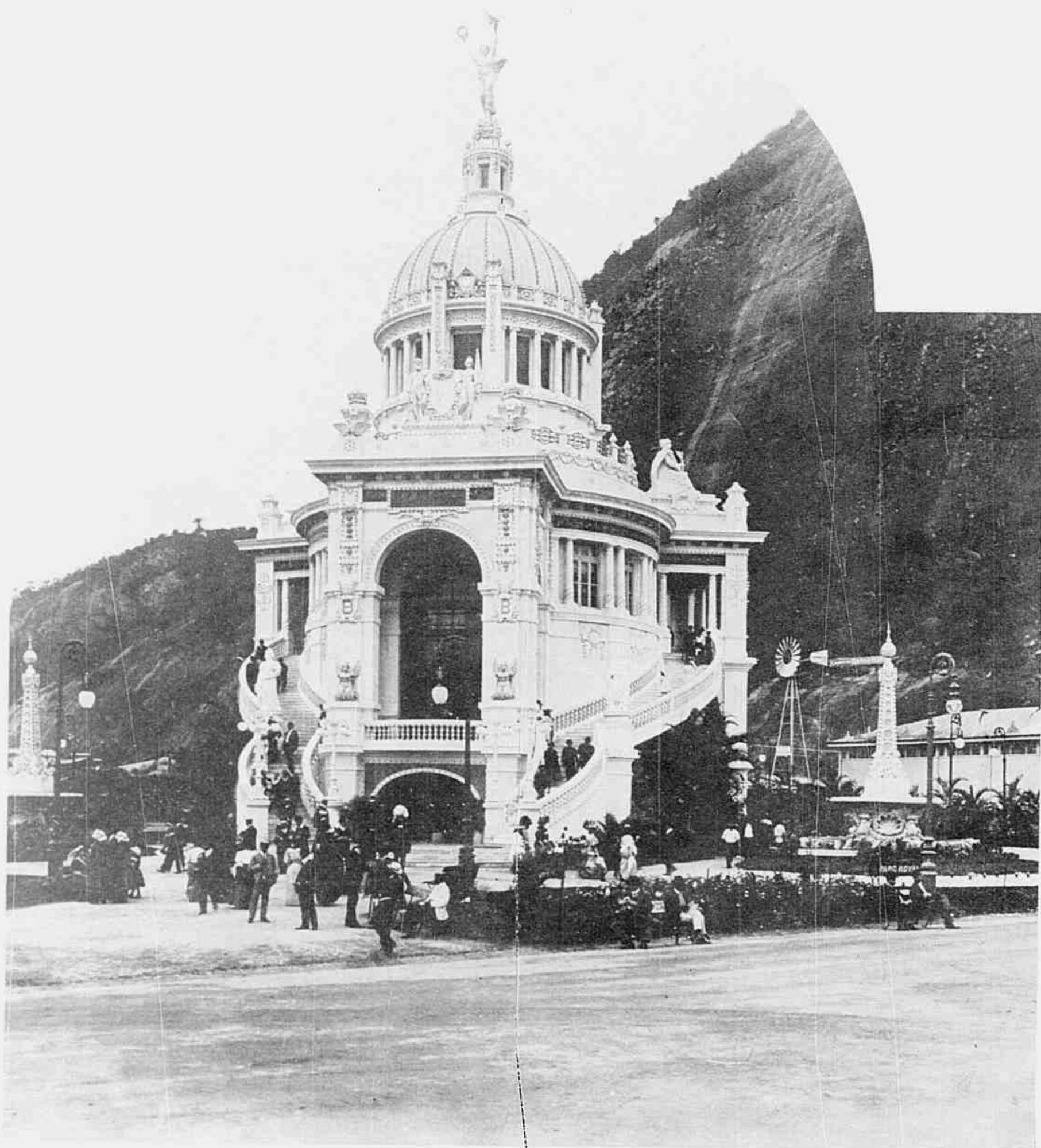
INTERIOR DO PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES

Exposição Nacional



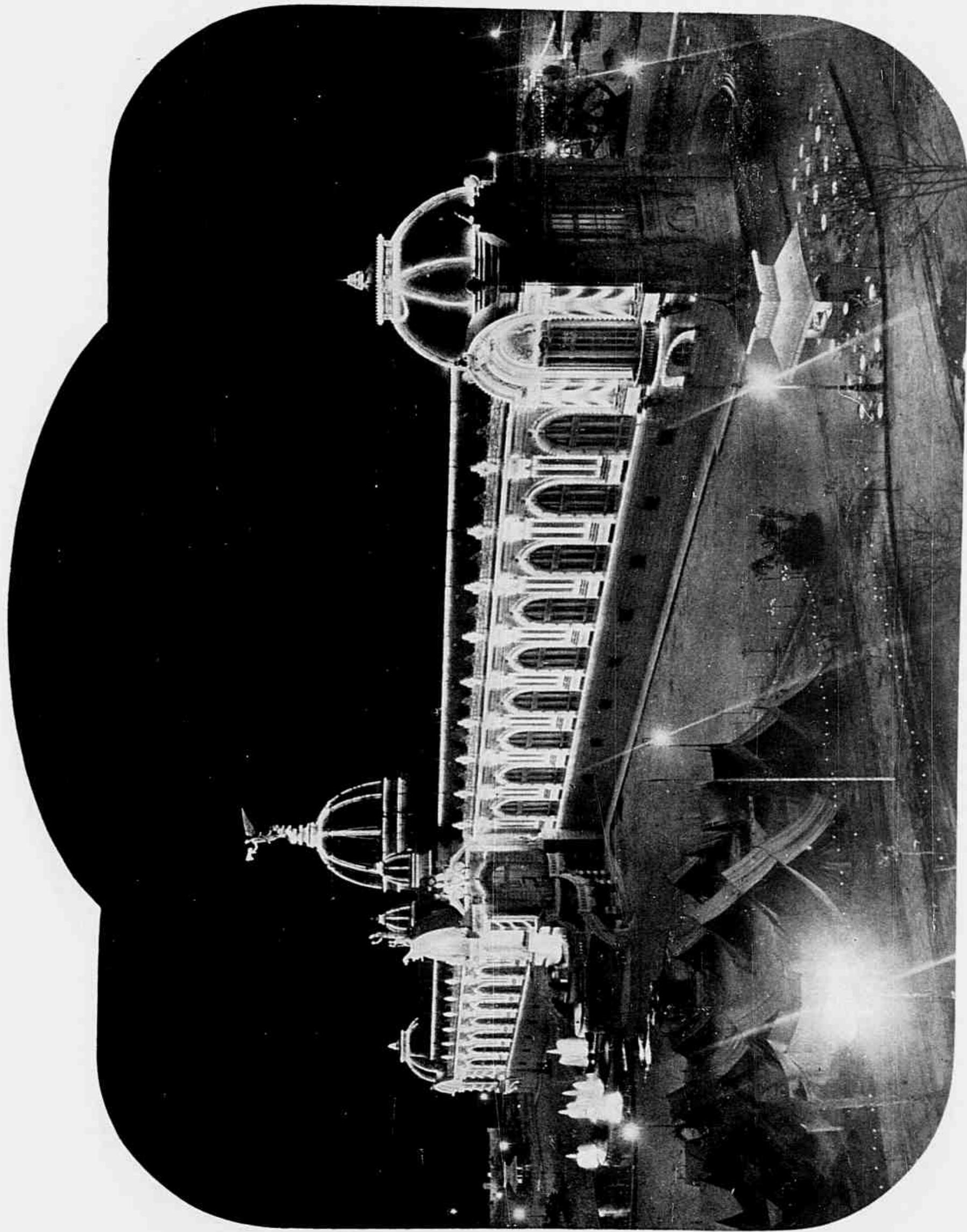
INTERIOR DO PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES

Exposição Nacional



PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA

Exposição Nacional



ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO DO PALACIO DAS INDUSTRIAS

MATTO-GROSSO

A viagem de Cuyabá ao Jurema

II

(SEGUNDO AS NOTAS DE LE DUC)

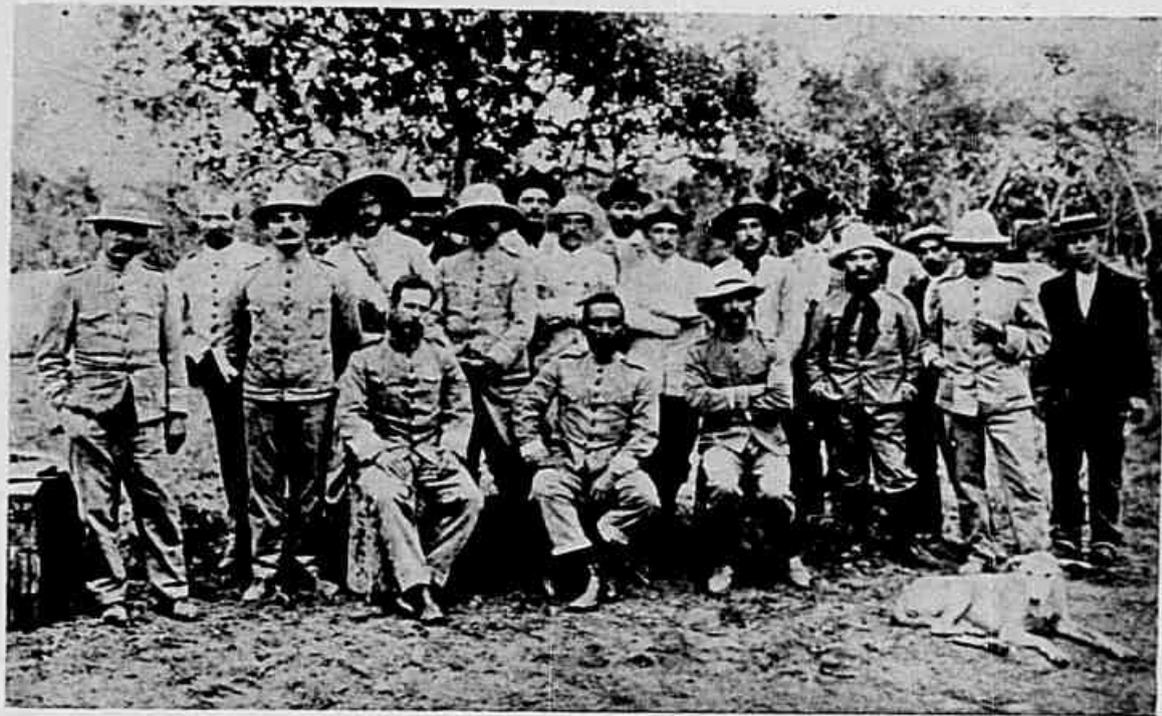
NA passada noticia que demos dos inestimáveis serviços prestados pelo Major Rondon, na construcção das linhas telegraphicas do Sul de Matto-Grosso, dissemos como se originou o que está agora em andamento para o Norte do mesmo Estado.

Poderíamos parar ali; e n'este proposito estavamos. Porém, as nossas relações no Rio, nos proporcionaram o conhecimento de um photographo que fôra escolhido pelo Major Rondon para acompanhá-lo na expedição começada em 1907; e não nos poderia ocorrer encontrá-lo justamente ao terminar o nosso primeiro artigo.

Foi isso, entretanto, o que succedeu, vindo logo á nossa mente utilizar as suas informações em proveito d'aquelles a quem interessa o nosso progresso e melhor conhecimento dos nossos homens.

Vamos assim dar a palavra ao Sr. Luiz Le Duc (é este o seu nome) e d'elle saber o que foi feito em 1907 pela commissão Rondon:

«No dia 23 de Julho de 1907 estavamos em S. Luiz de Cáceres promptos para seguir viagem partindo á meia-noite dessa data o Major Rondon, o 2º tenente de engenheiros Salustiano Lyra, eu, 7 cargueiros, 4 camaradas e os nossos inseparáveis cães—matilha de cerca de 11 cães.



GRUPO DOS OFFICIAES NO ACAMPAMENTO CHAVES PROXIMO AO ROZARIO

A 20 de Agosto deixavamos Cuyabá, passavamos Guia e chegamos a Brotas, onde de novo encontramos o Major que se havia separado de nós para adiantar os preparativos da expedição.

A' 24 sahimos, passando Rozario a 26 e chegando a 28 á villa de Diamantino, ultima povoação e lugar onde devíamos completar o pessoal da expedição e a tropa—o que a 2 de Setembro estava feito. Então dissemos adeus a essa ultima cidade de civilizados e nos embrenhamos pelo sertão do norte, para fazer a exploração de 100 leguas, metade das quaes deviam ser feitas sem estradas, fóra do contacto dos civilizados e só encontrando selvagens bravios que nos haviam dito existirem em grande



INDIOS PARECIS



numero. Seguimos para o Norte. A expedição compunha-se de 20 pessoas, 19 cargueiros com instrumentos, roupas e viveres para 60 dias, e os já citados cães. A 3 estavam em Arroz-sem-Sal — meio da serra dos Parecis, a 4 em Lagoinha, alto da Serra e a 5 em Kagados onde encontramos localizado um seringueiro. Esse homem nos prometeu guia — mandaria chamar um indio parecis n'uma aldeia proxima.

No outro dia, effectivamente, apparecia-nos um grupo de 6 desses indios — 3 homens, 1 mulher e 2 creanças. Aproximaram-se á custo porque são maltratados pelos seringueiros que os fazem trabalhar sem pagamento, ou lhes roubam a borracha penosamente extrahida. A seu ver todo o civilisado é seringueiro e todo seringueiro cuyabano; d'ali o seu horror aos cuyabanos. Só depois de muita promessa chegaram á falla. Elles então, sabendo de quem se tratava, fizeram suas queixas ao Major que lhes prometeu protecção, distribuiu-lhes roupas,

plrase que arranhavam em portuguez barbaro «Parecis sacudido meimo, parecis não perde chumbo», o que provaram por diversas vezes.

A' 7 de Setembro commemoravamos do melhor mudo possivel a nossa Independencia.



DISTRIBUIÇÃO DE BRINDES AS INDIAS PARECIS

O Major fez o chefe dos Parecis içar a bandeira da Republica n'um grande forte á frente do Rancho e o nosso menú foi melhorado com appetitosas peças de caça que os indios nos arranjaram.

A chuva torrencial que cahio a 8, e a fuga dos animaes da tropa nos impediram de proseguir a marcha o que só effectuamos a 11. Verificamos o que nos haviam dito, que os animaes não queriam ficar n'esses desertos. Chegamos á cabeceira do rio dos Veados, onde nos visitou «Uzuariry» chefe parecis, chamado Fauchet pelos civilisados, por ter Uzuariry servido de creado em casa de um coronel d'este nome ali perto de Diamantino. Queria ver o «Amuri» (chefe) — o Major Rondon — Trazia um sequito de 15 companheiros. Aproveitei a



MALOCA DE PARECIS

ferramenta e bugigangas de que se mostraram satisfeitissimos.

Caçadores eximios, sabem servir-se á maravilha, das nossas armas. O seu orgulho pelo manejo da espingarda se traduzia sempre na

permanencia d'esses indigenas no acampamento para organizar uma lista de palavras parecis.

A 13 o Major, o tenente Lyra e eu fomos ver uma ponte natural sobre o *Chacuruy-inará*, rio que ficava á 12 leguas do ponto em que



nos achavamos. Gastamos n'isso 2 dias, pernoitando n'um rancho de seringueiros á margem do rio dos Tres Jacús, para podermos attingir o Chacuruy. Este, no logar da ponte, mede de largura 15 metros sobre 5 de altura de mar-

habitações reproduzidas na estampa junta, medem de 8 a 10 metros de comprido tendo uma pequena porta em ambas as extremidades; não tem divisões internas, morando ahi, em promiscuidade todos os habitantes da aldeia. Perto da habitação ha outra destinada exclusivamente á deusa de sua adoração — a cobra *Jararaca* — protectora dos homens (sómente). N'esse templo só entram homens. A's mulheres é prohibida a entrada sob a pena de morte. Vimos ahi alguns instrumentos de festas uma flauta de bambú, um canudo de tacuara em cuja ponta havia uma cabeça, especie de trombeta com que acompanham as melopéas religiosas, pulseiras de guisos feitas de casca da fructa do piquy. Tudo isso só é usado em epocha propria — tempo de festa. São polygamos, sob a condição de poderem sustentar as suas mu-



PARTIDA DA SECÇÃO DE RECONHECIMENTO DO DIAMANTINO A 2 DE SETEMBRO DE 1907

gem, acima da tona d'agua. A ponte é formada por uma unica pedra de 4 metros de largo que pousa sobre os dous bordos do rio. Ha sob essa pedra, disfarçada pela vegetação, uma bellissima queda d'agua. A' volta encontramos novo magote de parecís que vinham trazer ao «Amuri» as suas queixas contra os seringueiros da região, que os transformam em escravos. No dia 17 fizemos alto n'uma aldeia indigena denominada do «Buracão». D'ahi passamos a outra sobre a margem esquerda do Chacuruy-inará (perto das cabeceiras). Esses pobres parecís, devido á pressão dos seringueiros e dos ferozes nhambicuaras, assim como pela aridez da região foram obrigados a separarem-se em grupos, com as aldeias isoladas. Assim, aos magotes pouco numerosos, é-lhes mais facil a locomoção e a procura do alimento. Calculamos aproximadamente em 500, o numero de pessoas constituintes de toda a tribu. As suas

lheres — Zuluixaré; o nosso guia tinha duas mulheres; naturalmente as saudades do seu lar fizeram com que elle nos abandonasse no dia 18,



MALOCA DE PARECIS

em «Agua-Limpa», não obstante com isso perder a perspectiva de possuir uma mula arreada — tal era o preço combinado pelos seus serviços. Sem guia caminhamos até a mais proxima taba — Aldeia-Queimada — assim chamada por



ter sido incendiada por um seringueiro. João Ferreira, um dos habitantes da Aldeia-Queimada nos prometeu um guia que só se reuniu á nós já além do rio Verde, pela madrugada de 22. Era um homem velho, «o mais sabido de todos os parecis, conhecia todos os rios e cabeceiras e as informações de que por ventura poderíamos precisar». Continuamos avançando. A caça rareava cada vez mais; raros também os peixes; o campo, porém, nos oferecia o seu melhor fructo em abundancia — o *cajui*; o fructo é muito menor do que o nosso conhecido cajú, do Rio, porém, superior em gosto; a planta é verdadeiramente anã medindo apenas 1 palmo ou menos, de altura.

Desde Aldeia-Queimada que havíamos abandonado o *divortium aquarum* das bacias do Paraná (Prata) e do Amazonas. O Major queria ver o Juruema — «Anau-Iná» no idioma parecis. Elles o diziam um rio immenso — era o «Amuri-

á ver o grande alto do Papagaio. Não havia caminho até lá — mas elle calculava em 4 dias — apesar de qualquer contratempo, a viagem de ida e volta. A 1 de Outubro, deixando o acampamento com Pharmaceutico Canavarros, o



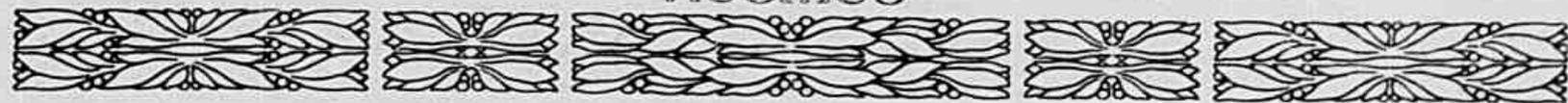
GRUPO DOS 8 QUE CHEGARAM ATÉ O RIO JURUEMA



SERRA DOS PARECIS — ACAMPAMENTO DA SECÇÃO DE RECONHECIMENTO NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1907 — UM INDIÓ IÇANDO A BANDEIRA

Iná» — rio-chefe. Devíamos subir ás suas cabeceiras e voltar á Aldeia-Queimada, voltando á Diamantina. A' 26 pousamos no «Maria» uma das cabeceiras do Papagaio cuja margem esquerda attingimos a 29. Ahi o nosso guia nos incitou

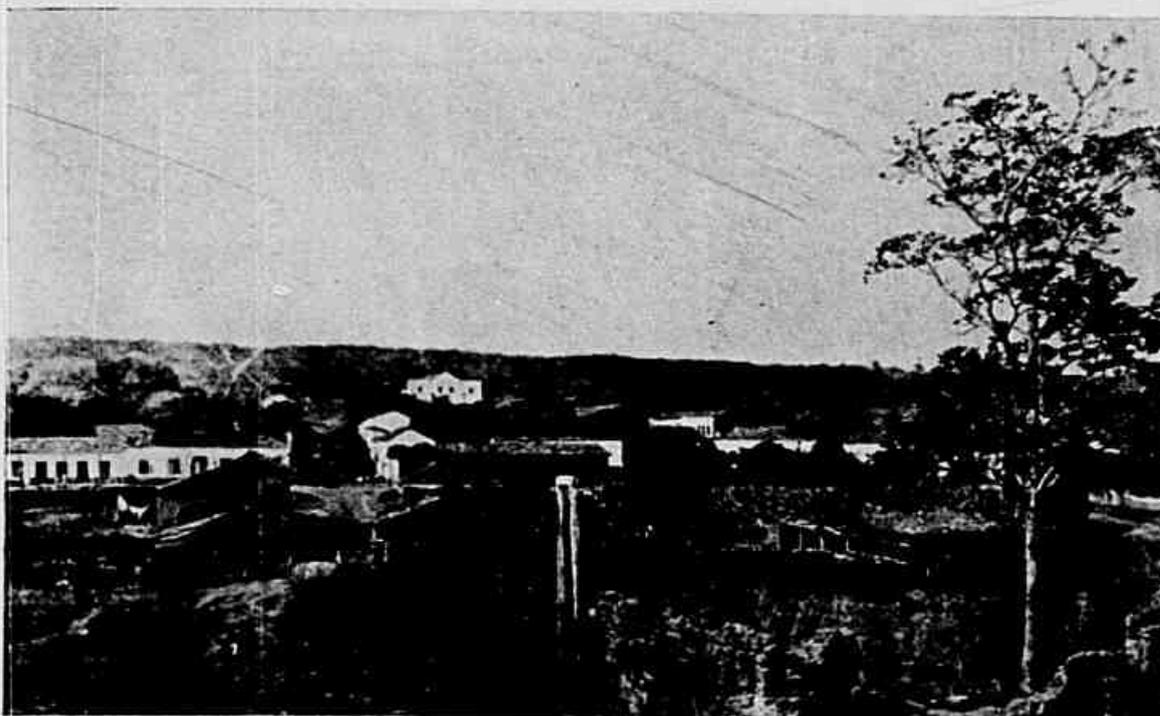
Major, o tenente Lyra, e eu e o velho parecis, nos embrenhamos em direcção ao grande Salto. O primeiro dia passamos no chapadão — sem jantar — visto não haver agua e não querermos provocar a sede comendo. No outro dia começaram as difficuldades maiores pelo espessamento do matto. As 8 horas da manhã chegamos á um alto de onde se descortinava uma baixada immensa; ali o velho bugre estendendo o braço para uma fumaça branca que se elevava verticalmente do verde escuro da matta bradou: Lá, o salto! 13 leguas nos separavam do ambicionado salto! E sem caminho, pelo matto denso! O bugre exultava; o seu velho, reforçado thorax arfava haurindo forte o ar; e a sua voz affeita a dominar o clangor do boré quebrava a monotonia daquelles ermos em exclamações de jubilo. Era de ver o orgulho daquelle brasileiro pela grandeza da sua terra! Por meu lado, confesso, não tinha mais entusiasmo algum em ver o Salto — desde a ves-



pera que não comiamos nem bebiamos... Mas, proseguimos. Ora a cavallo, ora a pé, de facão em punho fazendo o caminho para passarmos, guiados pelo velho parecis que, de vez em quando subia ao tope d'alguma arvore para

miravel. Fizemos algumas chapas photographicas que infelizmente nunca serão a copia fiel do que vimos.

* * *



VILLA DIAMANTINO

Não sem dificuldades nos reunimos aos nossos; fuga de animaes, fome e sede não estiveram ausentes. No pouso alguns animaes haviam fugido e esperamos até 7 quando o Major resolveu seguir deixando homens encarregados de procural-os. Atravessamos o «Uarissa-Sué» onde encontramos bom rancho á que nos acolhemos; depois continuamos sempre á vante em busca do Juruema. A 10 atravessamos o Agua-Quente em cujos charcos a tropa muito luctou para passar; o rio é muito fundo e correntozo e passamol-o por meio de uma ponte

dar o rumo, chegamos a final á 1 1/2 da tarde ao rio. De que lado estava o salto? Não o sabiamos; o que importava primeiro éra o beber — tinhamos agua, podiamos finalmente comer a nossa reduzida passoca.

Depois da refeição com sobremesa de fructas de Jatobá subimos o Papagaio para depois descermos visto termos encontrado um pequeno affluente que nos embargou o passo; depois de quinze minutos de marcha distinguimos o fragor das aguas do Salto; voltounos a coragem e em breve nos debruçavamos á beira do tremendo precipicio que os nossos olhos não se fartavam de admirar; estavamos pagos dos nossos esforços!

N'uma largura aproximada de 40, as aguas se precipitavam verticalmente d'uma altura de 80 metros continuando em baixo o seu curso, depois d'um canal de pedra, com 10 metros de largura; não nos ouviamos tal o ruido das aguas; nuvens espessas se elevavam n'uma area de 200 metros em cumulos de um efeito ad-

improvisada com uma grande arvore abatida da margem; retardamos o passo por haver adoecido um camarada com febre. Então nos encontraram os homens que haviam ficado



RIO SACURUINA — PONTE DE PEDRA

atrás em procura dos animaes perdidos. Por nosso turno começavamos a encontrar vestigios dos «Nhambicuaras». Ranchos de palhas de folha de burity, arvores abatidas com machado de pedra — signaes velhos desses indios que



não são moradores destes sitios mas caçadores ou viandantes que procuram fructos que ali existem em quantidade — taes como a mangaba, a jaboticaba, abacabas, etc.

Em marcha lenta ganhamos o *Saneina* onde pousamos e descendo este por de cerca meia legua deparamos roças de Nhambicuaras já abandonadas. Restos de ranchos, cestos, cuias, etc., porém tudo velho. Havia ali também uma estrada de seu uso, uma ponte que o Major mandou reforçar para a passagem do rio

A' 18 seguimos com rumo de 10 grãos á procura do Juruema. Augmentavam os casos de paludismo, felizmente brando; os homens começavam a enfraquecer já pela falta de alimentação que não podia ser a necessaria pela redução das rações, já pela extensão das marchas. Todos os dias manifestava o Major esperança de encontrar o Juruema; de quando em vez trepava elle numa arvore para sondar o horisonte; afinal mudou

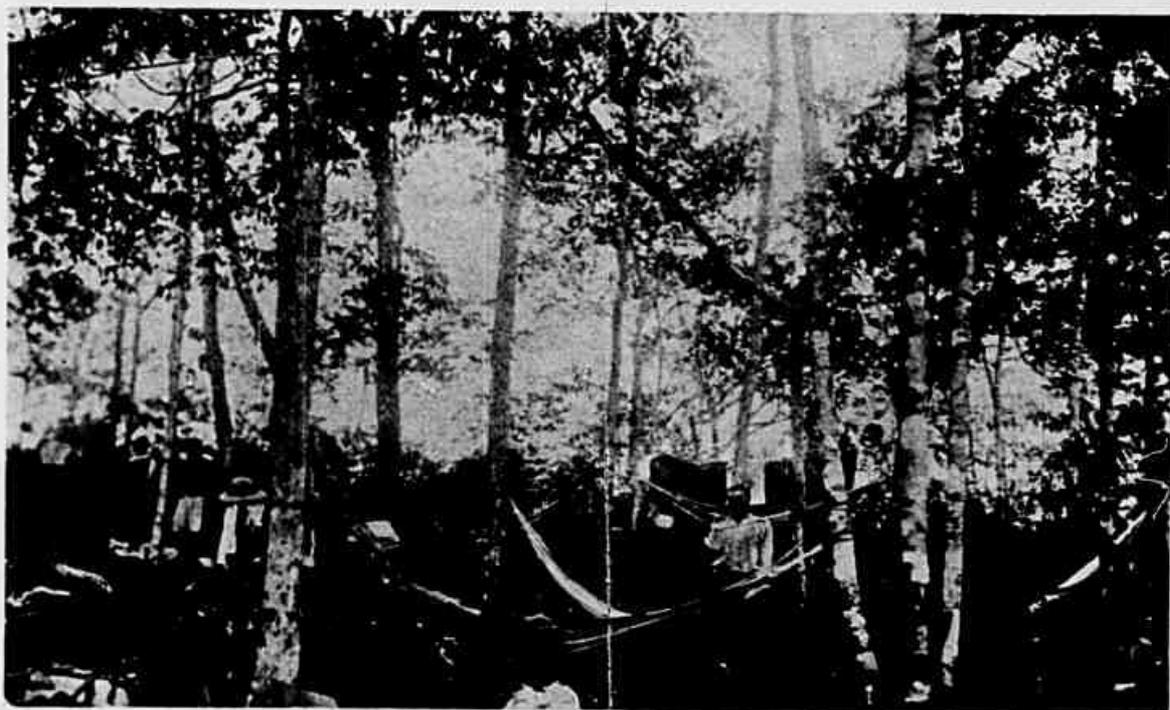
de ter subido á uma arvore assegurou que um grande valle da direcção Norte era o valle de Juruema. Reappareceu a animação perdida. Ao meio dia, um caminho velho foi por nos descoberto, seguimol-o; e meia hora depois che-



PONTILHÃO NO RIO AGUA VERDE

gavamos ás margens do Juruema!

Não se descreve a nossa alegria; vivas, salvas, gritos e porfim prolongado baptismo nas sonhadas aguas do Juruema!



POUSO NA MARGEM ESQUERDA DO RIO SANEINA

de rumo de 10 para o de 80 grãos — com aquelle rumo encontraríamos o rio muito para o Norte — talvez caminhassemos paralelamente a elle que também corria para o Norte. Com o novo rumo na manhã de 20 o Major depois

a aldeia dos «Nhambicuaras».

Na volta do Juruema, para o acampamento havíamos encontrado n'uma estrada nova pegadas de uma familia inteira e com ellas a de um cão grande — o que logo pensamos ser o

* * *

A nova não foi acceita sem grande contentamento pelos do acampamento; o enthusiasmo foi geral. Só o nosso velho guia ficou sentido — de não ter ido conosco, por estar o seu filho doente. Devíamos contudo, ganhar o Juruema no dia seguinte. Havia o Major dado ordens para que o pharmaceutico e os doentes se guissem na frente aproveitando o crepusculo matutino; em seguida devia seguir a tropa vindo o Major com pequeno grupo, depois, procurar



nosso cão mestre que havia desaparecido, provavelmente seguro pelos Nhambicuaras. O Major queria procural-os, presentear-os e travar conhecimento com elles, inteiramente confiante na indole pacifica dos indios, posto que essa tribu ainda fosse desconhecida de todo o mundo.

Souu a hora da partida. Succedeu, porem, por felicidade nossa, que os doentes não se apromptaram á tempo. E o Major modificou o seu plano, seguindo nós á frente. Eramos: elle, o tenente Lyra, eu e um camarada, Domingos.

Este e o Major rompiam a marcha, eu cerrava a fila. Despreoccupados, cabisbaixos pelo cansaço e pelas privações, pensando talvez nas bellas confeitarias do Rio — o nosso constante sonho, seguimos uns trezentos metros quando uma formidavel gritaria nos fez despertar. Uma legião de demonios nós nos alvejava com uma nuvem de flechas.

O Major, tendo o animal atravessado tirara a espingarda de caça do hombro em movimento de defeza; ao pé de mim uma especie de gigante nú, com immensa cabelleira, cara larga e hombros herculeos, distendia o arco ameaçadoramente. Tudo isso durou o tempo de um relampago!

A reacção nos apagou a fraqueza e o cansaço, e gallhardamente fizemos reviver os tempos prehistoricos de toda a velha cavallaria

andante, pondo em fuga, nós quatro, toda aquella multidão de phantasmas vermelhos...

Um uivo de dor, ao longe, na selva, nos revelou uma victima... o nosso bom cão perdigueiro, que na furia da perseguição aos fuggitivos se expoz demasiado para ser varado por uma flexa.

* * *

Quando nos encontramos no ponto do ataque, já os outros companheiros haviam chegado. Rodeavam o major. E elle lhes mostrava cravada na bandoleira da espingarda, a ponta farpada d'uma flecha Nhambicuara. Se não fôra o aço dos canos elle estaria fatalmente morto.

E talvez, quem sabe, aniquilada toda a expedição!

* * *

Cumpre-nos agora agradecer ao Sr. Le Duc a gentileza e promptidão com que accudio ao nosso pedido, com a sua narrativa da viagem á terra dos terriveis Nhambicuaras.

Rio—Maio de 1908.

JUREMA.





O ÚLTIMO FAUNO

Notas de leitura

HA mais de um anno recebi no escriptorio da *Kósmos* um pequeno volume postal, que ali aguardava longamente a minha incerta, arisca presença

Abri-o. Era um livro de João Grave, lindamente impresso com esse incomparavel cuidado de arte que os Srs. Lello & Irmão sóem pôr nas edições da secular e conceituada *Livraria Chardron*, do Porto. Tinha por titulo: *O Ultimo Fauno*.

João Grave que, ao principio, quando se revelou á minha curiosidade de leitor—gastro-nomo, me pareceu nome de disfarce, pseudonymo arremedado de francezismos litteraturantes, assim á guisa doutro *Jéan Grave* do jornalismo parisiense, já me não era estranho. Eu o conhecia atravez de dois romances: *Os Faminhos*, que meu amigo Costa Macedo—esse firme e original entalhador dos baixos relevos beirões em paginas de historiêtas—me dêra a lêr, e a *Eterna Mentira* que, apóz essa leitura, ávidamente mandei buscar á Portugal.

Desses dois livros ficára-me grande admiração pelo romancista, cujas paginas me commoveram, por vezes, até a lagrima, tal a sinceridade da narrativa e perfeita urdidura do seu enrêdo; mas, com franqueza, dir-vos-ei amigos meus: não contava ter em mãos a valiosa obra de arte que me chegava d'alem-mar com uma dedicatória simples e chocantemente fraternal.

Li-o arrebatado pelo assumpto, li-o duma assentada, fascinado pela belleza clara dos seus magnificos periodos. Reli-o duas vezes, e sempre com essa recondita calentura, que é meia volupia e, accrescentarei, (que custa a sinceridade a quem não tem direito a parecer vaidoso?) que é tambem meia inveja, naturalissima nos que lidam, por pendor, na mesma profissão.

O artista que fizera resaltar, tão vivamente, a figura da infeliz Luiza do meio desgraçado das *ilhas* operarias; que nos dêra, em admiravel painelamento, o singelo idyllio do ingenuo e bom Antonio com a filha do desventurado Manoel, idyllio que aflóra na miseria como um foliculo esmeraldino perlado de orvalho do negro, incrustado, resequido monturo dos recantos em abandono; e nos levou aos abalos, em ancias emotivas, pelo desdobrar cinematographico de violentos claros-escuros d'agua forte rembrandtnesca do drama dessa vida, em que passa como uma cadella faminta, gafada e esgrouviada, a *Maria Homem* batida, apupada,

injuriada pela garotagem cruel, e donde surge inesperadamente, a piedade commovedora do bom, do perfeito Antonio na mais humana das expansões passionaes, com o perdão para o contumelioso passado da sua desditosa bemquerida; o artista que a frio, como a desenhar scenarios á sépia e branco, nos descreve esse commum episodio de vida burgueza da *Eterna Mentira*, sem um tremor de pulso, sem desfallecer um minimo traço de conjuncto tramado, e nos sacóde os filamentos nervosos, nos tóca nas cellulas emocionaes pela integra verdade da fôrma, do modo de ser, da desentranhada psychologia de Pedro Antunes, da tresloucada Clara, do casto casal Luiz e Candida, da sensual D. Emma, do cynico Carlos, da ardente Isabelinha Graça, «resplandecendo na sua elegancia svelta de Diana»; é aqui, neste livro, n'*O Ultimo Fauno*, que demonstra toda a maestria da sua maneira de estylisar, de expressar e dar côr e densidade aos seres e ás cousas, com a segurança, a largueza, a ardidez de um eximio colorista que possuísse a penetração de um finissimo psychologo.

Não se trata de um livro de enrêdo. *O Ultimo Fauno* é, antes de tudo, um livro de arte para quem a sabe sentir e amar. A sua historia começa por uma ampla visão das éras decaídas, «na primeira manhã radiosa em que a Grecia escutou as doutrinas christãs na voz eloquente e sonora de S. Paulo»,—tal está escripto no introito do capitulo primeiro, tão clara e fulgurante como se fôra em letras d'ouro polido no friso de marmore branco de um branco parthenon. E vem atravez da gloria da Hellade, rompendo solidões de bosques em que as aguas cantam églogas em torno ás thermas de capricornios bustos, cheirosos ainda da nudez de oreadas; atravez da grandeza sensualista da Mythologia, com seus deuses magestosos e suas soberbas deuzas em cujas carnes, harmonicamente perfectas, palpitava o Amor em torneiados de seios, em redondezas de flancos, em roseos alvacentos de membros mais frescos de tons que os vergeis de Flóra, e mais quentes ao contacto que o fogo das pyras, até o tempo penitente do Christianismo, quando «o verbo omnipotente desse moreno Jesus, que então fazia milagres e evangelisava pelas terras tristes da Galiléa, seguido das multidões escravizadas e miseraveis» vinha modificar a marcha cabriolante da douda humanidade em serena aspiral sonhadora e caminheira para as alturas dos vastos céos tranquillos, de onde o grande Deus reinava.

E, então, a recordar esse maravilhoso passado, um personagem sem nome, que é quem nos narra o assumpto, personagem contemporaneo nosso, homem como nós outros o somos, meio bachareis quando não temos *pergaminho*;

catholico, apostolico, romano por educação e péga tradicional, epicurista á maneira vulgar, ou mais em carregado traço — conformista, mas lido em Santo Agostinho, em Luthero, nos livros de Renan, encontra um Fauno de pedra, «um forte e lindo Fauno adolescente, que certamente pertencera ao prestito victorioso de Dyonisos», exilado no fundo umbroso dum parque, circundado de folhagens bastas e de verduras crespas, de desmoronado castello senhorial.

«Ha quantos annos immemoriaes jazia ali, olvidado, o marmore sobrenatural? — pergunta a si proprio o homem meditativo, que vaé nos conduzir pelo mysterio destas paginas já abertas em nossas mãos e já attrahindo o nosso espirito. E é elle quem nol-o descreve.

«Parecia morto, indifferente e feliz no seu olvido, e apenas em sua frente se reflectia um clarão de saudade.

«O crepusculo extinguiu-se serenamente, vinham dos campos, que á roda se espraivam, as cantigas bucolicas das ceifeiras e o balar triste do gado: e já sob as tintas fluidas de sanguinea e perola do ceu, se esbatia a brancura da lua ascendente; e eu contemplava o Fauno, sempre curvado sobre o tanque, que lembrava ao meu espirito os tempos victoriosos em que o homem foi triumphador, astuto, poeta, amoroso, reprehendedor e subtil.

«De repente, por um mysterio inexplicavel, arvores, folhagens e flôres começaram a fallar, na pacificação da noite ditosa, sob o fulgor das constellações: o Fauno accordou da sua meditação, olhou-me, bocejou como quem desperta d'um somno de seculos, e contou-me a sua historia luminosa e triste.»

Essa historia, porem, não é o tardo, ronzeiro, somnolento lembrar dum fastigio perdido. É, antes um dulçoroso rememorar dos doirados tempos alacres do paganismo, destendidos em rapidos mas impressionantes scenarios de luz, de colorações vivas e scintillar de pedrarias, de aromas, de risos e todo o deslumbramento da éra classica da Belleza Humana. São paginas e paginas que se accumulam, e que se succedem, retendo-nos a attentiva, electrizando-nos o trabalho mnémónico em actividade de relances retrospectivos, vibrando-nos, obrigando-nos a viver duplamente pela sensação da belleza descripta e pela associação das idéas recebidas com as idéas conservadas, que nos deixaram as proveitosas leituras das civilizações extinctas.

E o marmoreo Fauno, umbratico deus do velho tempo das Venus e das Junos, entra, chasqueador e petulante, a commentar os séculos. A ironia chispa como farfalhas. Dir-se-ia vêr, de quando em quando, deflagrações dessa exotica pyrotéchnica japoneza que não rebôa, mas estala surdamente faiscando myriades de

estrellas cambiantes que se transmudam, ao amortecer, em hyalinas casquilhas, cujos fragmentos se fundem, de manso, na negridão da noite.

A mão do artista põe a graça dos sorrisos e a sublinha das intenções na proporção graphica dos periodos. Vamo-nos, fascinados, levados pelo encanto das phrases em que a musica das palavras arredonda trechos de um exquisito, estranho rythmo de avenas e de lyras, rompido, de onde em onde, por estrídulos apupantes de syringes.

E como se enflorêce a satyra neste magnifico livro!... Ella nos surprehende pela gracilidade da sua fôrma, pelo tom alegre do seu modo, pela finura e miudeza de seus espinhos. Não é má nem perversa. Chega, ás vezes, a ser subtil. Não sabemos em que escriptor moderno dessa fôrte e formosa litteratura do Portugal de hoje, ella ressumbre da penna de tal modo delicada, risonha e apenas excitante como em João Grave. Lembra, vagamente, em comparação forçada e com vantagens para seu merito, os chistes de Pherecrato na scena atheniense.

As discussões que o Fauno trava, por longas noites, com o seu timido e convencional contradictor, são deliciosamente rideiras sob um leve caustico que não empola. E para exemplo, entre quantiosos que eu podia dar, abro, ao acaso, uma pagina marcada. Amigos, leiamol-a:

..... «Na debil e macia meia-tinta do lusco-fusco, voltava dos campos, em ranchos contentes, a gente do trabalho; e eu, fruindo pacatamente o meu modesto rendimento de proprietario, fallava com o Fauno e admirava a harmonia corporea das aldeans.

«— Bellas estatuas, hein? — exclamei com orgulho. Estas sim! São as mães dos homens simples e das almas ingenuas e crentes!

«A rigida figura de pedra seguiu o meu olhar com indolencia, em quanto um piano, ao longe, tocava uma romanza sentimental e alguém lyricamente cantava a melancolia d'um devaneio campestre de pastores, sob as faias, á beira d'um lago azul.

«— Estatuas! — murmurou o Fauno. Disse bem! A mulher foi na Grecia a origem inspiradora da estatuaria. Era ao calôr do seu perfeito corpo, que o gelo dos marmores se descongelava e a fria pedra se transformava em carnes setinosas e quentes. O seio de Phryné, meu amigo, inflammou de genio Praxiteles que vislumbrou a linha pura e sobria da belleza hellenica. Mas a perfeição plastica do classismo corrompeu-se tambem nas mulheres, archanhos femininos d'olhos tristes e enigmaticos. D'aqui deste canto isolado, entre as heras, os troncos e os musgos, tenho-as visto passar, pezadas e rotundas, sem ligeireza nem graça

alada no andar. Em certos domingos de tarde enchem estas solidões de risos, vêm para aqui gosar a sombra, e eu posso observá-las minuciosamente, com um interesse pela realidade que a Grecia idealista não desconheceu. E, cavalheiro, que tremendas barrigas as d'algumas d'essas creaturas que, segundo os Evangelhos e segundo o Genesis, o Creador dos mundos fabricou com uma costella d'Adão, Pae dos homens, n'uma das primitivas manhãs do universo. Oh! certamente que eu venero esse abdomen feminino d'onde brotam, nos turbilhões da fecundidade, os sêres novos, os que vencem pelo vigor e pelo genio e os que vencem pela fragilidade e pela belleza. Mas na Hellade da minha saudade não havia d'estas monstruosidades corporaes. Bem sei! Os senhores queixam-se das aguas, dos alimentos falsificados, de tumores malignos, de kystos. A humanidade apodrece em vida!...

Creio que basta este exemplo para se comprehender até que ponto de leveza e graça attinge a satyra do artista admiravel. Todo o livro está neste lavor. O Fauno discute com o protagonista a civilização hodierna, o catholicismo, a theodicéa, a poesia, a musica, a escultura, o diabo, os ritos, a transmigração das almas, o amor, as religiões, a sociedade, comparando-os com a civilização grega dos grandiosos tempos de Péricles, Praxiteles, Dyonisos...

O pobre homem percebia-se achatado deante dessa tremenda erudição argumentadora e sempre triunfante. Dia veiu em que o inverno o retirou dessas amenas solidões do desmornado castello senhorial. Quando, passados lentos mezes, voltou ao bosque onde jazia o Fauno, cansado e enfasiado das pretenções rês da cidade, pensou logo no seu velho amigo de pedra, que tanto o fizera amar e gosar o êrmo daquelles sitios. Mas... ai! o marmoreo Fauno não lhe falou mais. Nem rógos, nem mandos, nem bengaladas e injurias o abalaram. A pedra era impassivel. Então, de repente, houve uma immensa claridade nesse cerebro que conhecia Santo Agostinho, Luthero e Renan, que lia os sociologos, os reformadores e cientistas. Fôra a sua propria emoção que déra vida e pensamento á pedra; fôra o seu proprio espirito que se lhe communicára, levando a frieza bruta dessa figura banal e de arte ingenua os reconditos da sua consciencia que as convenções e

o medo não tentavam revelar! Esse Fauno afinal, não fôra mais que um estado de sua alma, liberta das mentiras da sociedade e no isolamento purificador dos campos.

Até ahí o assumpto. A mais do que isso vae a arte perfeita do escriptor inspirado. Porque, no fundo dessas paginas, de um jacto escriptas em Leça, do começo de agosto aos primeiros dias de setembro de 1905, entrou sem ambages ou á esconsa toda a sua alma; nellas está a sua individualidade artistica. E o livro se nos communica atravez dessa alma de artista agitada pela recordação da Hellade, regressada á belleza perdida do clarão fecundante da civilização occidental quando, sob o albor da mocidade, os homens tiveram o nobre orgulho da sua força, do garbo das suas formas, e quando do seu cerebro moço sahiram as creações inexcediveis do jamais reproduzivel fasto do grandioso Olympo.

Lendo-o, comprehende-se que é a sua saudade que fala, a «Hellade da minha saudade», diz-nos elle, pelo Fauno, numa carinhosa phrase de meiga tristeza. Sim, a Hellade da sua saudade, veiu lhe encher recordativamente as meditações em Leça, e dessa «dôr que tem prazeres», em que melhor se trabalha porque, com o allivial-a, mais se lhe tóca o intimo e se lhe revolve o acerbo espinho do delicioso pungir, no dizer de Garrett, resultaram estas paginas de erudita recomposição, de quente descriptiva, de gracil ironia e alegre satyra, que é *O Ultimo Fauno*, um livro encantador para quem não busca na litteratura senão complicações de teciduras ou desenhos hilares de typos.

E' este o ultimo romance de João Grave, até o actual momento, publicado.

Li-o com amor, li-o com toda a minha alma embebecida em admiração porque nessa obra excellente, de um alto e culto espirito, ha o calôr de um temperamento de artista que se sobreleva do communidade dos contemporaneos; e, sem pretenções á critica litteraria, assim falo e assim declaro no sincero intento de inculcar esse soberbo livro a quem se digne reparar nestas linhas para que tenha, como eu tive, a satisfação de um grande, dum profundo, dum raro goso espirital.

Agosto de 1908.

GONZAGA DUQUE.



O NOVO MATERIAL DA NOSSA MARINHA MILITAR

O destroyer "Pará"

NO dia 16 de Julho, a uma hora da tarde foi lançado ao mar dos estaleiros Yarrow, em Scotstown West, no Clyde, o primeiro dos destroyers brasileiros encomendados para a nossa marinha de guerra pelo actual governo.

A cerimonia do lançamento que nada teve de extraordinaria foi presidida pelo chefe da Commissão Naval Brasileira na Europa, o Ex. Sr. Contra-Almirante Duarte Huet de Bacellar, acompanhado de seus directores technicos e diversos dos nossos officiaes de marinha. O «Pará» é um elegante navio, de finas linhas. Desloca em seu carregamento normal 650 toneladas e tem as seguintes dimensões: — comprimento, 73 metros, bocca, 7 metros e meio.

Sua velocidade horaria será de 27 nós, fornecida por 2 machinas alternativas de triplice expansão com 4 cilindros, provindo o vapor de 2 caldeiras duplas typo Yarrow.

Seu armamento de artilharia consiste em 2 canhões de 4 pollegadas (100 m/m), Armstrong, de 5 calibres atirando um projectil de 14 kilos com uma carga de 5 kilos, polvora cordite M. D., montados em rodizios á vante e á ré, com grande arco de fogo, podendo ter uma rapidez de 12 tiros por minuto, — e, 4 canhões de 47 m/m, semi-automaticos Hotchkiss, ultimo modelo, dous por bordo, com uma rapidez de 25 tiros por minuto.

O armamento torpedico compõe-se de dous tubos Armstrong, de 18 pollegadas de diametro, collocados á meia-não.

Os torpedos são do ultimo modelo Whitehead, regulamentar na marinha, com o novo aparelho de aquecimento de ar e o Obry.

O casco é de aço, alta tensão, extremamente resistente para esse genero de navios, e dividido em compartimentos estanques que não se communicam, offerecendo desta forma maior fluctuabilidade ao navio em caso de avaria. As linhas do navio, com elevado castello de proa, garantem-lhe boas qualidades marinheiras, e a manutenção de sua velocidade, em condições de mar grosso.

O navio tem um poderoso holophote. Os paiões de munições de 4 pollegadas são ventilados pelos thermos tanques, que ainda asseguram ao navio uma perfeita ventilação, e permitem manter nos paiões a temperatura conveniente.

O navio tem um mastro de signaes e duas chaminés.

As accomodações do commandante e officiaes são á ré. Os inferiores e machinistas tem os alojamentos embaixo do castello, onde tambem fica a enfermaria e a primeira coberta de marinheiros. Ainda a guarnição tem mais duas cobertas, uma á meia não, para os foguistas e outra á vante para marinheiros.

Para o combate singular o commando tem o abrigo de uma torre.

No passadiço existe um camarim para a navegação e uma installação para signaes electricos, systema Couz. A telegraphia sem fio, systema Marconi, está installada tambem no passadiço em um compartimento especial.

Esta rapida descripção permite conhecer-se o valor do «Pará» como arma de guerra e como typo de navio.

Elle é um aperfeiçoamento do typo inglez «River», com melhor armamento, maior raio de acção, casco mais resistente e maior velocidade, tendo por isso um acrescimo na tonelagem.

E' um verdadeiro destroyer de oceano, destinado a acompanhar a esquadra de combate em seus planos offensivos.

Seus principaes caracteristicos denunciam tanto a sua esplendida concepção tactica como a sua verdadeira utilização estrategica. Aquella definida pelo armamento de artilharia que é o mais poderoso dos existentes em navios desta classe e esta pela resistencia do casco, que lhe dão a supremacia nos combates singulares tão communs entre esses navios. Para o ataque aos grandes navios e elevação dos tubos de torpedos, é uma vantagem.

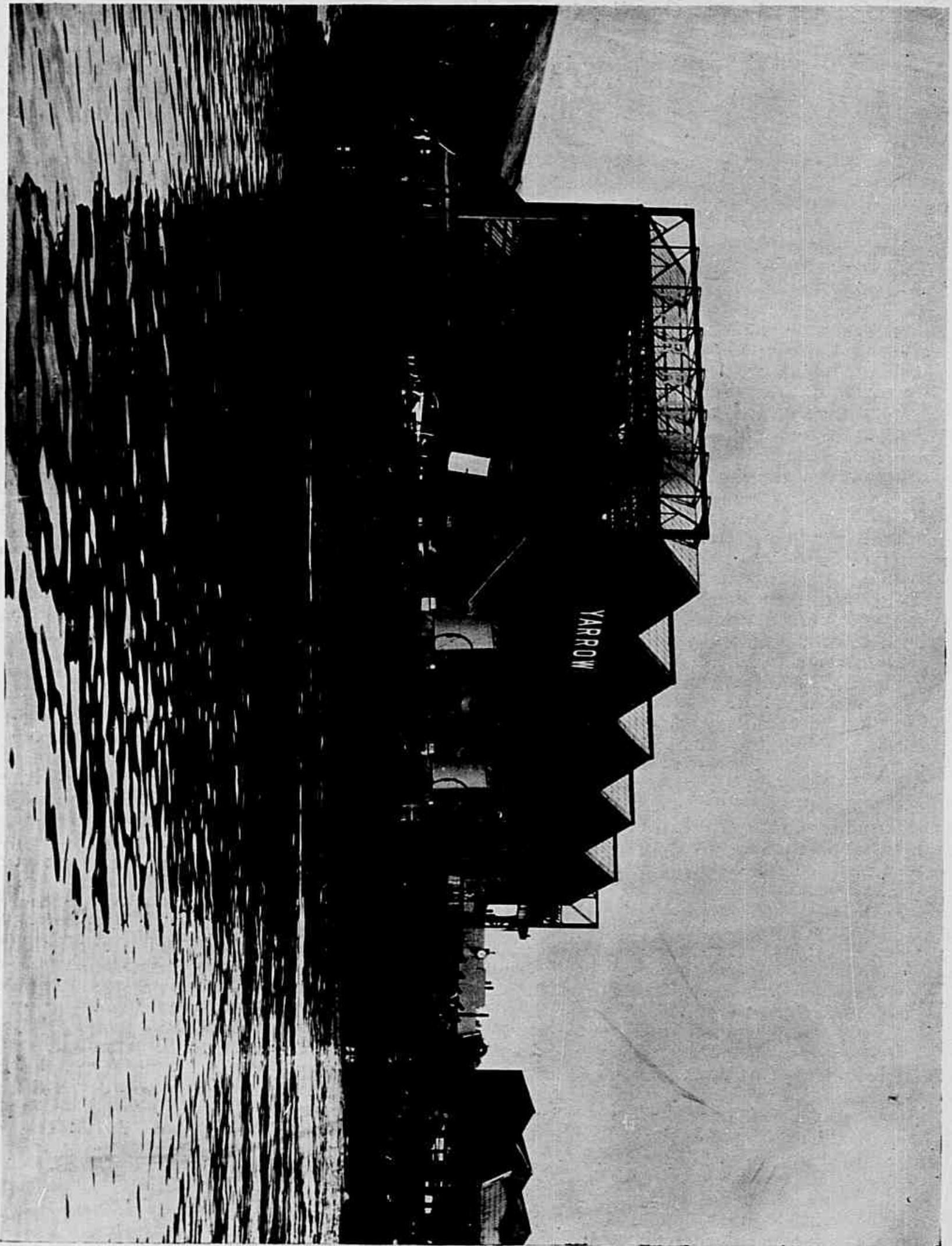
A utilização estrategica é mostrada pelo seu grande raio de acção, facilitando independencia de movimentos.

Como o «Pará», acham-se em construcção ainda nove, dos quaes o «Piahy» em adiantado estado, devendo ir ao Clyde ainda este mez, não sendo de admirar que fique prompto em condições de seguir com o «Pará».

O segundo grupo composto do «Amazonas» e «Matto Grosso» seguirá o primeiro com um intervallo de 4 mezes. Os restantes já teem iniciada a construcção, sendo que o 3º grupo prosegue com actividade.

O «Pará» é commandado pelo capitão de corveta Filinto Perry, que tem para immediato o capitão-tenente A. Durão Coelho e para officiaes os capitães-tenentes Hyppolito Areas e Raul Tavares e 2º tenente Pereira das Neves. O chefe de machinas é o engenheiro machinista 1º tenente Henrique Felix dos Santos, com tres segundos tenentes e tres sub-machinistas.

A guarnição do navio será de 110 praças de marinha e machinas, em tempo de paz, e de 130 em tempo de guerra.



O NOVO MATERIAL DA NOSSA MARINHA MILITAR — O DESTROYER «PARÁ»



BUENOS AIRES

O DIA DOS SACRIFICADOS — TODO O BOSQUE
UMBROSO, TODA A FLORESTA, TODO O DESERTO

V

UM jardim zoológico, sim, é o perfeito resumo do universo, do mundo selvagem onde viveu Adão, da natureza cheia de bellezas virgens que só floresceram, só fructificaram quando Eva recebeu da serpente a inspiração inicial do amor. Andar sob as arvores de um jardim zoológico, sentir o fremito das azas no espaço, ouvir o rugido assustador das feras sem ainda lhes distinguir as moradas, vêr um veado que foge, uma cobra que se arrasta, uma girafa que estira o pescoço, um moroso elephante que sacode a tromba, é fugir aos complicados dias de hoje, embrenhar-se por alguns instantes na primitiva singeleza das coisas. O homem caminha n'um intrincado paradoxo: depois de ter aprendido com os outros animaes tudo quanto os outros animaes puderam e souberam ensinar, — a coragem com o leão, a teima com o burro, com o macaco a imitação, com o elephante, a paciencia, a manha com a raposa, a docilidade com o carneiro, a oratoria com o papagaio, a construcção com o castor, com o cão a fidelidade (?), com o bode a audacia para subir, com a hyena a ferocidade e a discussão com o gato, quiz por seu turno repagar na mesma moeda as lições recebidas, adeantando assim um principio diplomatico que Bismarck poz em moda: « *Do ut des.* » Foi uma balburdia: todos os bichos começaram a aprender as lições que haviam ensinado, e como essas eram já muito usadas e em segunda mão, o homem teve de se servir do chicote, como o professor já se servira da palmatoria. Aos quadrupedes elle ensinou a fazer como bipedes, e aos bipedes como quadrupedes, coisa de que são exemplo os animaes sabios e amestrados, e as orelhas de burro, em papelão, tão de rigor em certos collegios e em certas escolas, — ainda ha bem pouco tempo. Mas o chicote operou prodigios: todos os palhaços da vida tiveram desde então a côdea e tecto garantidos com o esforço de quatro patas alheias. A natureza perdeu o encanto desde que os ursos começaram a tocar pandeiro, os leões a furar vistosos arcos de papel, os cães a dar saltos mortaes e os elephantes a abrir com a tromba as garrafas de vinho. *Enfoncés*, os macacos! Por isso temos tanto prazer quando nos

embrenhamos por alguns instantes na primitiva singeleza das coisas. Mas ai! a illusão dura pouco, — que as feras não estão em florestas virgens, as serpentes não passam entre barrancos, os veados não correm atravez do bosque abatido, os condores não vôam para as grimpas dos Andes. Já começam a apparecer as gaiolas e as jaulas, ricas ou modestas, conforme as posses da municipalidade.

O Jardim Zoologico de Buenos Aires, luxuosissimo, *ça va sans dire*, é uma derivação de Palermo, e está situado nas antigas propriedades de Rosas, — sem proposito ironico. Para a meninada e para o publico os attractivos são innumerados, — bandas de musica, photographos ambulantes, bondes Decauville, trem liliputiano, dromedarios e poneys ensilhados, botes no lago, Guignol, bar e confeitaria. A alimentação das feras, os seus rugidos, a voracidade com que os tigres se atiram contra as gordas postas de carne são sempre um chamariz; e ante as gaiolas dos macacos a pasmaceira ainda é maior. Quando tudo isso não fosse, sempre seria agradavel o passeio porque em si o jardim é bellissimo, as arvores espalham ao longe a sombra copada das frondes altas, espelham regatos e aguas immoveis de lagos, reclinam-se uma ponte bucólica, e entre os massiços de verdura surge a branca plumagem das cegonhas, immoveis sobre as finas gambias de coral.

* * *

A mais dolorosa impressão que o mundo reserva aos homens é certamente a do carcere, porque o cercere é a morte progressiva em plena consciencia e tem sobre a propria morte o peso doloroso da vergonha.

De um cemiterio vos afastaes melancolicamente, mas força é confessar que por vezes, em manhan de sol e céu azul, com os tumulos brancos alvejando á luz, os passaros cantando nas arvores em flor, os campos-santos têm uma alegria incontida onde se sente o trabalho obscuro da univeral transformação. Fitando um carcere, porém, parece-nos que um peso brutal abate sobre os nossos hombros, que o lagedo frio, que as paredes frias são o fim do fim, que toda esperanza é van, pois a propria liberdade é uma fórmula disfarçada do captiveiro. A morte é sempre vista como o termo das miserias, o carcere é a congregação de todas as desgraças.

— A grande perversidade do homem nos jardins zoológicos é plantar florestas deante das jaulas e das gaiolas.

* * *

Cada animal está sumptuosamente instalado no seu palacio; assim os dos leões e dos



tigres é um bello pavilhão renascença, amplo e commodo, onde só faltam reposteiros e tapeçarias. *Mogo*, *Menelik* e *Bruto* são os tres principaes representantes da raça dos senhores do deserto. Imponentes, solemnes, magestosos, miram o publico com esse sabido olhar de despreso, já corriqueiro desde a aventura de Don Quixote.

Depois são os tigres réaes de Bengala e de Sião, com o corpo listado e macio como veludo, e os jaguares das nossas selvas e do Chaco do Paraguay e da Argentina. Vão e veem na jaula, de um lado para outro, rugindo baixo, ameaçando apenas, o pello batido de luz, os olhos ameaçadores e sombrios, os movimentos curvos de voluptuosa faceirice; vê-os é ter logo deante dos olhos o lindo conto de Balzac. Junto á uma lagoa habitada por ganços, patos e cegonhas, ergue-se o immenso edificio em puro estylo indiano, copia exacta de um velho templo, e que é o palacio dos dois velhos elephants e da filha Phua Victoria Portenha, nascida em Buenos Aires. Tristes, pesados, carrancudos, agitando as curtas orelhas, movendo as longas trombas, lá se arrastam elles, os pobres pachidermes, como galés da vida. Bôa razão tem o celebre calembour francez:

— Qual é o animal mais infeliz do mundo?
 — ?!...
 — O elephante.
 — Porque?
 — «Parce qu'il nait trompé avec défenses d'ivoire (défense d'y voir.)»

Mas na sua pacatez ha revoltas; ha pouco menos de um anno houve um drama no Jardim: o velho *Sayan* teve um accesso de cólera. A sua alma de bruto revoltou-se contra o captiveiro, a raiva ferveu-lhe o sangue, a memoria lhe disse que era animal sagrado, e a rebellião irrompeu tumultuosa, em uivos, em patadas, que em torno passaram como as furias de uma tempestade. Os resignados olhos nesse dia despediram faiscas, agitou-se-lhe o corpo como uma cidade sobre um terremoto, derrubou paredes, partiu grilhetas, e, ameaçador e sombrio, desafiou, — e ninguem acceitou o desafio. — Nobre *Sayan*, outra vez captivo e agora algemado, tu fazes lembrar aquelle elephante de *Salammbô*, que toda uma noite gemeu com uma flexa engravada no ôlho...

N'uma gaiola muito alta (alta para papagaios) empoleiram-se as aguias impassiveis; em outra os condores dos Andes ensaiam curtos vôos, procurando os Andes e as neves eternas. De todas as ironias do Jardim Zoologico é esta de certo a mais audaciosa.

Sinistra, o curvo bico aberto, abertas as grandes azas, uma harpja amedronta e impressiona; é o unico exemplar conservado em jardins, e foi apanhada na fronteira do Brasil com a Bolivia. E' a horrivel feiticeira da Mythologia, é a cara das tres filhas de Thaumás e de Electra, dos tres monstros, — Celæno (a *Obscuridade*), Aello (a *Tempestade*), Ocythoe ou Ocypete (a *Rapida*), os tres demonios que Virgilio descreve a Dante:

«Ale áno late, e cólli e visi umani,
 Piè con artigli, e pennuto il grán vèntre...»

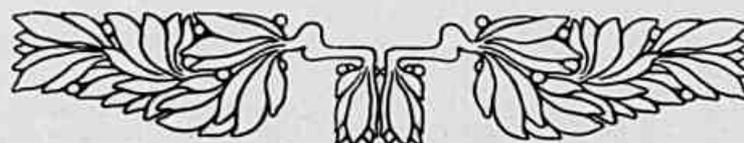
O resto é tudo mais: são os javalis, os veados, os ursos, as girafas, os zebús, as llamas, as alpacas, os dromedarios, as cabras, as hyenas, os lobos, as zebras, e todos os reptis e todas as aves dos bosques. Todos os animaes tem um ar triste: só os macacos se habituam facilmente aos trapezios.

No Inferno de Dante ha as arvores que se queixam; mas a dôr mais triste é aquella que não tem expressões para o lamento: a dos innocentes e a dos brutos. O pobre urso branco, branco como a neve, offegante e cançado, jaz entre as grades da prisão, sob uma temperatura de janeiro, o janeiro que em sua terra é o mez dos gelos. Ante esse humilde soffrimento vem á lembrança as dores de todos os outros, porque cada animal tem a sua historia, mais ou menos a *Odysséa de um cavallo de tilbury*, de João Luso, de *l'Ane*, de Maupassant, de *Mãe* e da *Choca*, de Trindade Coelho.

— Aguias captivas, leões prisioneiros, espera o novo Eden, onde as florestas sejam mais amplas e o coração dos homens mais humilde, menos feroz, mais parecido com o vosso...

Montevideo — Agosto, 1908.

THOMAZ LOPES.





RACHEL, A TRAGICA

UM artigo aqui publicado, assignado pelo Sr. Gonzaga Duque, sob o titulo *Séviñé do XIX seculo*, referindo-se ligeiramente á tragica Rachel, despertou-me o interesse de recordar a vida artistica e intima dessa extraordinaria mulher que, durante vinte annos, ou pouco mais, foi a divina actriz da scena franceza e um dos nomes mais commentados, discutidos e, por isso, amados da culta Europa.

Quem hoje ouvir fallar nesse nome, o que ás vezes succede, não póde fazer idéa do que elle foi em Paris, em Londres, em São Petersburgo, em Nova-York. Ha cincoenta e tres annos, em pleno florescimento do seculo dezenove, este simples nome: Mlle. Rachel, era uma vibração electrisante, fazia estremecer os *romanticos* intellectuaes, accelerava o sangue na réde veiosa dos amadores da arte de Melpomene, a grave musa da tragedia. E' que elle por si só, valia o theatro francez; nenhum o excedia, então, em gloria.

E no entanto essa deusa da scena classica, essa mulher que parecia conservar no andar, na largueza dos movimentos, na escolha natural das attitudes, o rythmo das esculpturas gregas, segundo Theophile Gautier, e que, sem ser bonita, sem mesmo possuir uma plastica soffrivel, encarnava a belleza antiga das grandes figuras theatraes, vinha do baixo povo. Seu pae, Jacques Felix, nascido em Metz, era vendilhão ou bufarinheiro; sua mãe, Esther Haya, uma pobre mulher de trabalho, tendo visto a luz em Guere, no Baixo-Rheno, accumulando junto do marido todas as funcções domesticas. Ambos eram de origem israelita, e andavam a fazer pela vida de provincia em provincia, por cidades e villas.

Em 1820, no dia 28 de Fevereiro, Esther Haya, que, com o marido, se achava em Munf, cantão de Argovia (Suissa) deu á luz uma menina, á qual pôz o nome de Rachel Elisa. Era a segunda filha do seu matrimonio. A primeira chamava-se Sophia, viera um anno antes.

Desde muito cedo as duas irmãs entraram a ajudar os paes e como, uma vez n'Alsacia, a mãe fosse recolhida a um hospital, ellas aproveitaram da ausencia do pae para imitar uns pequenos cantores italianos que, a poder dos seus garganteios, apanhavam vintens aos transeuntes enternecidos. A experiencia, por um lado, teve bom exito, porque as duas judiasinhas fizeram a sua collecta de esportulas; por outro lado foi um desastre, o pae, apesar do sangue judeu que lhe rolava nas artérias, indignou-se com o procedimento dellas e castigou-as.

Mas, continuando a mãe doente e tornando-se difficil a vida ao incansavel Jacques, que se via obrigado a pagar o tratamento da boa Esther e a sustentar as pequenas, a sua indignação teve de ceder á força da contingencia e consentir que as meninas cantassem nas ruas.

Restabelecida a saude de Esther, continuou a pequena familia israelita a sua existencia nomade por terras da França.

Em 1832 estava ella em Lião, quando Alexandre Choron, que tambem se achava por esse tempo n'aquella cidade, ouvindo as duas irmãs cantarem, propoz a Jacques conduzil-as a Paris, onde as faria entrar no Instituto de Musica, do qual era director. Jacques resolveu acceitar o convite e partiu com as filhas. De facto as duas meninas foram recebidas no Instituto.

Em pouco tempo porem, Rachel decidiu abandonar o canto pela arte dramatica e, em 1834, com a idade de treze annos, estreava no *Theatro de Molière*, tomando a seu cargo diversos papeis de *soubrette*.

Foi ali que Vedel, caixa da administração do *Theatre des Français*, ouviu-a, mas, dessa vez, numa tragedia. Rachel representava *Hermonione*. O enthusiasmo que se apoderou de Vedel levou-o a contar ao grande actor Samson e Mlle. Mars a descoberta que o acaso lhe proporcionára, e fez de tal modo calorosamente que os dois societarios do *Français*, como o director do theatro, o Sr. Justin de La Salle, resolveram assistir a uma representação da menina Rachel.

O resultado dessa audição foi excellente, posto que a joven actriz fosse magra, pequena e trigueira e tivesse uma voz dura e vellada, opinião em que collaboraram outras autoridades, entre ellas Cherubini que dizia: Elle a contre elle la voix et la taille; mais elle a infiniment d'intelligence.

Joseph Sanson, que estava no apogeu dos seus triumphos theatraes, offereceu-se para completar a educação artistica de Rachel, o que de bom grado, ella aceitou. E taes foram os seus progressos que, em 1837, rompendo ingratamente com o seu mestre, passou-se para a scena do *Gymnasio*. Mas ahi não colheu o exito que esperava, e um anno depois, antes de terminar o seu contracto, voltava para o *Français* onde, em 12 de Junho, segundo as chronicas, estreava no papel de Camilla, do *Horace*.

Desta vez sim, o successo teve a intensidade que ella pretendia, talvez excedesse á sua expectativa. A collaborar nesse successo havia uma ontra estréa, a de Mlle. Rabut, tambem discipula de Sanson e afagada esperanza de Vedel.

Mlle. Rabut, desempenhava o papel de Sabina, e cada estréante, como facilmente se comprehende, procurava destacar-se mais no favor da platéa. Mlle. Rabut tinha a vantagem de um physico insinuante, mas a essa vantagem contrapunha Rachel a incomparavel belleza dos seus olhos, nos quaes se reflectiam todas as emoções de uma alma d'eleição. E os terminar o espectáculo, uma das melhores récitas do *Français* n'aquella época, os assistentes dividiram-se em dois partidos, sendo mais numeroso o que elevava a tragica trigueira, ex-cantora das ruas.

Logo dias depois Jules Janin, num dos seus muito lidos folhetins do *Journal des Debats*, proclamava-a, no enthusiasmo do seu estylo pomposo, a primeira actriz da scena franceza. A' voz de Janin vieram se ajuntar os reclamos de Arsène Houssaye, Theophilo Gautier e toda a banda dessa encantadora *jeunesse* do romanticismo, unica até hoje, que então fazia a vanguarda do jornalismo parisiense.

Ah! naquelle tempo o jornalismo era, de facto, uma força enorme.

D'ahi começou a gloriosa carreira de Rachel. Arsène Houssaye, o bello moço loiro de 1830, e o



famoso Dr. Veron celebraram entusiasticamente o talento da *maigre et mince*, mas genial artista. Os mais notaveis poetas da França dedicam-lhe versos. Desfolham-se-lhe aos pés as ovações. Transformado pela chamma divina da arte, o seu apoucado physico excita paixões. Já não são os homens de letras que a requestram, seduzidos, maravilhados pelo seu talento, são os principes. Rachel está em plena gloria. A artista e a mulher triumpham ao mesmo tempo.

O esculptor Paul Gayard retrata-a em *Harmione*, Dantan ainé em *Phedra*, dois magnificos bustos; tambem lhe copiam o busto Dantan jeune e Pollet, de Bruxellas.

Barre lança-lhe a estatua nesse celebre papel de *Harmione*, Clesinger fal-a representando a tragedia, quente, arrebatado marmore que foi para o *foyer d'artistes do Français*.

O desenho, traçado pelos mais habilidosos desenhistas do tempo, e o daguerreotypo vulgarisam, popularisam a sua effigie, ao que não foi estranha a caricatura.

Charpentier, Conder e Muller pintam-lhe o retrato, e Mme. O' Connel faz a sua melhor obra representando a grande tragica numa inspirada tēla, que mereceu o lugar de honra na galeria do theatro.

E é ainda o *Français* que lhe presta a mais alta homenagem daquella época. Os artistas desse gloriosa casa presenteiam-n'a com um riquissimo diadema, em que mandam gravar a dedicatoria: A' *Rachel o theatro Francez*.

Em 1840 Rachel parte para Londres. O successo ali obtido é tal que a rainha dos inglezes offerece-lhe, como recordação, um bracelete de ouro com a seguinte inscripção em pedras preciosas; *Victoire, reine, à Rachel*.

Mas, não se julgue que essa extraordinaria mulher fosse um anjo amavel, uma doce alma fascinando por suas virtudes os pobres mortaes. Delicadissima de coração, sensibilissima e particularmente para a sua familia, possuia, entretanto, um genio irritavel, um certo estouvamento de proceder que se unia, de modo desagradavel, ao fundo avarento ou, sem pretender dar a este termo um significado que não tem, ambicioso de ganhos.

Indisciplinada e ingovernavel fazia edesfazer contractos, modificava programmas annunciados, desobedecia á compromissos, com uma facilidade aterrosante. Por mais de uma vez levou a direcção do *Français* a processos onerosos, entre os quaes o da retirada da tragedia *Medéa*, pelo que o theatro foi condemnado a pagar a Legouvé, o auctor da tragedia, a somma de 6.000 francos de indemnisação, só pelo capricho de Rachel não querer represental-a, após todos os ensaios, sob o pretexto de que se não sentia bem num papel de mãe! Em 49, tambem, tem uma violenta questão judiciaria com o *Français* por ter ella rompido o seu contracto, e poucos dias depois voltava a representar nesse theatro, que lhe dava 42.000 francos por anno, com direitos especiaes e do qual era societaria!

E só citamos esses dois casos, para não alongarmos a lista.

Quanto ao seu interesse pecuniario, á sua muito commentada cubica do dinheiro, que lhe valeu acerbos criticas, correm anedoctas realmente engraçadas.

Uma dessas, que nos chegou contada pelo anonymo auctor de um ruidoso livro — *Un anglais à Paris*, traducção do *An Englishman in Paris*, que foi attribuido a sir Richard Wallace, é adoravelmente caricatural, postoquê finamente perversa. Conta-nos o auctor:

“Ella (Rachel) jantava, uma noite, em casa do conde Duchâtel, ministro de Luiz Felipe. A mesa estava coberta de flôres, mas com as flôres pouco se importava Rachel, o que excitava sua attenção era o esplendido *centro* de prata que occupava o meio da mesa. Habilissima para se não trahir, a grande actriz começou por elogiar as flôres, mas logo passou ao seu principal objectivo.

Ao ouvil-a, o conde, que estava de humor generoso nessa noite, offereceu-lhe delicado *centro* com a maior gentileza. Rachel rejubilou, mas não se esquecendo que, mesmo tratando com um grande senhor como o conde Duchâtel, “o entusiasmo de vespera bem cedo se arrefece,” verdade tanto mais a temer num homem casado, cuja mulher não veria com bons olhos sua casa despojada dos seus thesouros artisticos. A tragica viera num fiacre; o conde propôz-lhe rezonduzil-a na sua propria carruagem. Ella aceitou, e para “aproveitar o forno em quanto quente,” disse: “Sim, será ouro sobre azul não poderei temer que me roubem o presente que me fizestes, eu mesma o conduzirei. — Perfeitamente, mademoiselle, replicou o conde... mas, reenviar-me-eis minha carruagem, não é assim?”

E' ainda esse *inglez em Paris* que nos conta a seguinte: “O conhecido barão de Taylor, ex-director da *Comedia franceza*, foi solicitar da Rachel o seu concurso para uma festa de caridade. Rachel excusou-se com um motivo aparentemente plausivel. O barão, porém, insistiu e como não fosse mais feliz do que fôra com o primeiro rôgo, pediu-lhe consentisse, ao menos, collocar o seu nome no programma por méra attracção. A isso Rachel acquiesceu, concordando em que, á ultima hora, desculpar-se-ia com os assistentes. Ao retirar-se, disse ella; julgo que o meu nome vale bem dez ou vinte bilhetes.

Taylor, que a conhecia, não se surpreendeu, e entregou-lhe os dez bilhetes.

No mesmo dia o barão encontrando-se com o conde de Walewski pediu-lhe o favor de ficar com alguns bilhetes. “Impossivel, meu caro barão; eu já tenho dez. A pobre Rachel não sabendo como se desfazer de duzentos bilhetes a que se obrigou como dama protectora, pediu-me para ficar com vinte, aceitei dez. E isto me custa mil francos.”

Taylor não disse uma palavra, admirado da presteza com que Rachel transformava em dinheiro os bilhetes. Mas, o que ainda mais o intrigava é que ella, possuindo apenas dez lugares, offerecesse vinte a Walewski. Era admissivel o estratagemma de duplicar a offerta para obter o resultado da metade. E assim pensando ia o barão quando se esbarra com o conde de Le Hon, marido da celebre Mlle. Mosselmann, antigo embaixador da Belgica na côrte de Luiz Felipe, o mesmo que, seja dito entre parenthesis, confessava francamente que era pae de familia sem jamais ter tido filhos.

Taylor fez nova tentativa, mas ás suas primeiras palavras respondeu-lhe o conde: “Meu caro barão, é com pesar que lhe digo: já tomei cinco lugares a

Mlle. Rachel. Parece-me que ella, na qualidade de dama protectora, tem a seu cargo duzentos bilhetes a passar.”

O barão estava assombrado. A verdade era que Rachel tendo passado dez bilhetes a Walewski e recebendo a importancia pedira-lhe cinco para a sua familia; com esses cinco abordára Le Hon e, ao receber o valor delles, pedira-lhe um, de que, realmente, se servira.

A essas anedoctas, em curso constante, respondiam os seus idolatras que a grande tragica assim procedia para beneficiar outros pobres. Esse espirito de caridade era sempre apontado. E quando, depois da morte de Rachel, se descobriu que a guitarra que ella vendêra ao financeiro Achille Fould por *mil luzes*, nunca lhe pertencera nem com tal instrumento ella cantára nas ruas de Pariz, e sim provinha do gabinete de um dos seus intimos, a quem a actriz a pedira, todos os seus adoradores affirmaram que, com esse dinheiro, a inolvidavel artista tinha salvo da miseria algumas familias desgraçadas.

O que é certo é que sua familia e segundo se dizia, particularmente seu irmão Raphael, viviam das glorias de Rachel, tão utilmente aproveitadas. A sua irmã Rebecca, que estrêou auspiciosamente no palco do *Français*, num papel do *Angelo*, de Victor Hugo, Rachel fez presente de uma casa mobiliada. A grande artista residia com os seus parentes num palacete da rua Trudon. Outras generosidades são apontadas em abono da sua philantropia, e nós, por nossa vez, julgamol-as veridicas porque, sendo Rachel uma artista nata, não podia ser insensivel á miseria e ás vicissitudes dos seus semelhantes.

Passemos, porem, sobre taes factos, que vieram á penna para que o typo proeminente da tragica não se esbatêsse no vago das legendas; elles são a sua roupagem humana.

Depois que a gloria a envolveu no seu ambiente luminoso, arredando-a da vulgaridade, a sua natureza pareceu criar uma resistencia que faz pasmar. Rachel *encarnou* em si quasi todas as personagens principaes do theatro classico e do drama, algumas vezes da comedia do seu tempo. E sempre com igual successo! E', realmente, para admirar que esse organismo proximo do franzino, que esse corpo debil, resistisse á vida multiplice de tão exhaustivos papeis. Porque devemos comprehender que o trabalho mental de um actor não está unicamente na justa comprehensão do seu papel, está muitissimo na vida que lhe deve dar, isto é, na *encarnação* a que se submete reproduzindo ao vivo o personagem criado pelo auctor.

E, por isso, a jornada que ella fez á Russia ficou celebre nas chronicas theatraes. Durante o longo de-

curso dessa jornada, feita para satisfazer um bellissimo capricho do czar Nicolau I, que a desejava ouvir, Rachel representou seguidamente, pelas cidades nas quaes a *posta* parava, perto de *cem papeis*!

Mas, era impossivel que essa fragilidade organica se não abalasse com semelhantes exaggeros!

Em pouco tempo o cansaço lhe appareceu. Era o principio do fim, de que ella se não apercebia. Ainda assim, em 1855, emprehendeu uma viagem aos Estados Unidos da America e á Havana, tendo por emprezario seu irmão Raphael.

O resultado dessa viagem foi magnifico em lucros, mas não só a indole insubmissa da actriz levou a, por motivo nunca bem esclarecido, a romper com seu irmão e a abandonar a *tournee*, como o orgulho da proclamada tragica sem par sentiu-se ferido. Em sua ausencia, Pariz acclamava a italiana Ristori, que se lhe tinha revelado.

Rachel voltou á França, desejosa por se enfrentar com a rival... Infeliz, porem, porque a sua saúde lhe atraçoava o ardente desejo. Estava minada pela tísica. Os medicos exigiram que ella partisse para o Cairo. Teve de se subordinar a essa ordem. Depressa o Egypto enfastiou-a, faltava lhe a atmospherica de Pariz, esse ambiente de arte, de vida, de gloria, que só a cidade luz possui. A nostalgia mortificava a pobre alma da enferma. Demais, a morte de sua amiga madame de Girardin impressionou-a. E, sem cuidar do corpo, deixou o Cairo.

Outra vez em Pariz, mas outra vez impossibilitada de vencer a sua rival! A vida se lhe escapava e, pensando então no que ia perder, partiu para Cannes, aboletando-se numa casa dos arredores daquella cidade, chamado Cauret. Foi ahi, num quarto, cuja janella se perfumava com as flores de uma laranjeira, que Rachel, isolada, mas não esquecida dos seus ruidosos triumphos, sempre a sonhar com a *volta*, com as noites de ovações e delirios, exhalou o seu ultimo suspiro, em 29 de Janeiro de 1858.

O maior desejo da sua vida estava satisfeito: deixou sua familia amparada; e um dos seus filhos fôra perfilhado pelo conde de Walewski, ministro de estado de Napoleão III, a quem ella, por lembrança do amor que tivera por esse principe em Londres, deixou em testamento um dos seus bustos. Morreu longe de Pariz, mas Pariz prestou-lhe honras posthumas como nenhuma actriz ainda teve depois della.

E assim terminou a existencia esta extraordinaria mulher.

ANDRÉ DE REZENDE.

MÃE

DEPOIS das chuvas reverdecera toda a serra. Uma tarde, o estrangeiro, recostado aos velhos bambús, á beira do valle, accendeu o cachimbo e, após o primeiro trago, poz os olhos no ceu azul. A' sua frente erguiam-se os picos altos da montanha, nessa hora, levemente violaceos. Fitou-os pensativo; evocou a cidade e o mar, e absorveu-se numa grande saudade indefinida. Lá estavam os motivos por que se aventurára á fortuna duvidosa. O amor e a alegria na sua expressão complexa, o encanto immortal da belleza feminina, os prazeres multiplos creados pelo progresso e requintados pelo luxo, attrahiam-no dezenhando-se á distancia em visões miraculosamente sedutoras. Porém elle, por irresistivel fatalidade, se considerava perdido para tudo. Havia tres annos prendera-se aquella terra quasi deshabitada, ligado a uma cabloca, vivendo entre gente barbara. E porque allí ficára, se, chegando, o seu desejo unico foi voltar? Não se sabia responder. Aportando ao Rio de Janeiro, falaram-lhe de centenas de leguas de floresta virgem e de um sertão immenso, inexplorado, cheio de ouro e pedras preciosas, donde os portuguezes voltavam fabulosamente ricos. Fora insensivelmente attrahido para esses thesouros, qual se uma fada propicia lhe apontasse, ao pé de troncos asperos, entre raizes humidas, a morada milenar de enormes diamantes. A idéa, embalada pela promessa de decenios afortunados, empolgara-lhe totalmente o genio aventureiro.

Um dia amanhecera na Serra do Mar. A seus pés succediam-se os valles cheios de bruma desfazendo-se ao sol. De toda parte vinha-lhe uma impressão de paz, apenas perturbada pelo gorgueio dos passaros. Mas dum morro distante, vencendo o mattagal, desceu o som dum instrumento extranho. Essa musica, a principio pareceu-lhe hostile. Devia representar a ameaça constante duma tribu guerreira a quem pretendesse demorar na região. Mas, depois, abrandando-se na ramaria, suavizando-se pelas quebradas, o seu temor serenou e elle acreditou ter-lhe a Providencia indicado acolá o apoio de que seu sonho carecia. Caminhou timido, entretanto, assediado de pensamentos confusos. Afinal, sorpreso como se despertasse prisioneiro num paiz desconhecido, aciou-se á entrada duma palhoça, exotica e em face dum homem de cabellos negros e compridos, exquisitamente pintado, com a cintura adornada

de pennas. Esse homem, sorrindo, acolheu-o. Não comprehendeu a phrase por elle articulada. Confiou, porém, cegamente nas suas palavras espontaneas e simples. Tamanha confiança levou-o immediatamente a conceber aproveitar as concessões da amizade proxima para descobrir as riquezas ignoradas. E ficou. Passaram-se tres annos sem que um diamante, um traço de ouro divulgassem seus olhos cubicosos. Notou-se cansado, saciado da mulher, malquerendo a tribu, abominando o chefe, que, estimasse-o embora, não comprehendia a mais commum das noções trazidas de sua patria. Nunca mais conversara na sua lingua, tão formosa em Calderon e Cervantes. Por cumulo de infelicidade, quando accaso conseguia ficar só, no terreiro ao luar, ou á matta nos meiodias de verão, voluptuosamente refugiado nas recordações preferidas, sempre o indio impertinente surgia, esgueirando-se como um felino, o arco tendido sob a pontaria fatal, ou então, os braços indolentes cahidos, o cheiro revoltante da nudez suja e os labios frouxos transbordantes de caçadas. Por existencia assim solitaria e miseravel, trocara o conchego da familia, os amigos, as cidades festivas, a formosura e seducção das mulheres, cujo olhar penetrante apontava e promettia os gozos extremos da especie. Tivera noiva, que morrera. Porém, moço e sadio, destinado pela natureza a variar o amor, quantas noivas poderia ainda esquecer no curso e insaciedade das paixões! Partira para as conquistas inspirado no espirito fogoso e libertino do *Estudante de Salamanca*. Radiante de mocidade, imaginava não o attingisse o epilogo do poema — ser enterrado vivo pelos duendes das suas victimas. Pois o amor, em Hespanha, era uma capa bem traçada, o punhal á cinta, a guitarra, uma ballada, inda o balcão coberto de trepadeiras floridas, uma trança negra brilhando á lua, e, por fim, a muro escalado sob a indiscreção dos cães, e um beijo de fogo.

Estas imagens, compunha-as elle exaltando-se na claridade final do occaso, quando duas mãos tocaram-lhe os hombros levemente:

— Que tens?...

— Nada... — respondeu Fernando voltando-se espantado. — Viste alguma coisa?

— Que olhavas tu?... Eu estava aqui perto... Vamos subir?...

Para elle emergia dessa inconcebida apparição uma como imprudencia trahidora, e, sem reflectir, desejou bater á ingenua cabocla, Mas conteve-se:

— Vamos. Anda. Vai na frente...

Acompanhou-a calado, analysando-lhe com repugnancia os contornos grosseiros, a gordura, balôfa, projectando vingar-se de ter-lhe ella importunado na hora espiritual da solidão e

da saudade. E a fema tão feia por um fim de tarde como aquelle, no trecho mais lyrico da Serra, entre flores sylvestres e aguas cantantes, dignificára com o nome da rainha de Castella...

No terreiro da palhoça, numa pôça de sangue duas pacas luzidias mortas á fléxa esfriavam. Fernando olhou-as e, vendo-se alvo da curiosidade enfadonha dos incolas, considerou-se extranho a tudo aquillo, como se allí chegasse pela primeira vez.

Passou a noite com os olhos nas brazas da fogueira extincta, logrando dormir apenas pela madrugada. O choro do filhinho, cortando-lhe divagações, accendia-lhe a vontade criminosa de tapar-lhe a bocca, tomar-lhe o folego, espetar-lhe o indicador á moleira. Reprehendia-se, porém, embora almejasse então ir pernoitar só em qualquer parte, onde nem as azas dum insecto lhe quebrassem o silencio.

Muito cedo levantou-se. Só, julgou-se um escravo, naquelle rincão tedioso, e, ganhando á vereda proxima, toda a serra, as quedas d'agua, a floresta em baixo farfalhando, rica de madeiras sobre cuja utilidade calculára negocios fabulosos, tudo se lhe accusou inutil e sem belleza. Para sua crescente saciedade nunca se alcançaria o meio facil e barato de transportar producto algum para o littoral. Seria preciso deslocar os rochedos atravessar a montanha, e o homem indolente do paiz, costumado e contentado dos recursos naturaes, não comprehenderia outro esforço além dos communs, ensinados pela tradição. Devia ter assim raciocinado ao chegar. No entanto, insensivelmente, allí ficára, submisso, dependendo da tal terra e de tal gente. Mas não era elle homem, não concervava intacto o sentimento da independencia? Urgia, portanto, reagir, libertar-se, partir...

A lembrança de partir encheu-lhe o cerebro, empolgou-o e, pelos dias seguintes, animando-se da força impulsiva predominante no seu temperamento, Fernando, armou-se e defendeu-se com o aborrecimento progressivo que lhe produzia todo o meio ambiente. Pouco a pouco, deixou de descer as grotas, percorrer as vertentes, enveredar pelo meio dos troncos grossos, sem destino indagar da medicina e costumes dos indios. Já não ia além da area roçada em torno da taba, como se uma legião de manes implacaveis, apertasse dia a dia, o circulo que se traçara, outr'ora tão amplo, afim de, prescrutando e revolvendo a terra virgem, tirar-lhe do seio pedras preciosas e ouro. Ao cahir da noite, sosinho, contemplava scismáticos as curvas da serra desenhando-se no ceu triste. Ao contrario do palrador que fora, escassamente se dirigia a outrem, e quando o fazia, por necessidade, seu aspecto denunciava-o supplicando não o demorassem a falar.

A tribu colligia desse retrahimento repentino muita preguiça, que, ao certo, procedia do intuito premeditado de explorar-a, pagando ingratamente a hospitalidade que a sua solitudine lhe prodigalisára. A mulher, ao envez, observando-o calada, seguindo-lhe doridamente os passos, estudando-o recostado ás arvores com o olhar perdido na luz mortiça dos crepusculos, repetindo gestos extranhos; confessando a repulsa de qualquer coisa importuna, concluia disso o anortecimento do amor que elle lhe jurara logo que aprendeu sua lingua. Desconfiança a principio, essa conclusão solidificou-se e dominou-a como uma irrecusavel realidade.

Fernando sentiu envolver-o a hostilidade da tribu, — hostilidade que a final um simples movimento protector dos olhos de Isabel desfaria. Mas justamente Isabel agora se tornava o objecto exclusivo de sua revolta. O despeito produzido pela retrospectão de tres annos de exploração improficua recahia nella unicamente. Por isso, exitou um dia inteiro deparar de frente a Isabel, temendo trahir-se e tudo escapar num relance incontido.

Ella se conhecia a causa dos seus silencios, notando claramente que elle a amava muito menos, e não queria augmentar o desamor no homem que para sua vida significava um mundo e um Deus. Demais na sua affectuosa credulidade, Fernando era mais poderoso que Tupan, senhor da trovoada e do raio. Por Fernando sujeitar-se-ia a todo sacrificio, comtanto que elle nunca lhe faltasse.

O amante percebeu-lhe a timidez, percebendo melhor a profundidade de sua paixão, e, ás vezes, do tumulto de pensamentos insidiosos que o impelliam para longe serra, sentia elevar-se toda a intrinseca piedade do seu ser em favor daquella creatura infortunada. Immediatamente, porem, uma vida diversa, donde a ventura tentadoramente lhe accenava, ateava-lhe o desejo de partir. Entrou a architectar o plano da evasão. Fugiria na embriaguez dum festim. A noticia do que porventura acontecesse após a fuga, não lhe chegaria. Assim, nem o remorso tinha o temer. Poz-se então a aguardar o festim ou a oportunidade imprevista que lhe abrisse o caminho do mar, fora do cuidado e do ciume da mulher.

Isabel, aos poucos, apprehendeu a resolução recondita de Fernando. Comtudo, por vezes, cançada de imaginar-se em abandono, reconfortava-se na esperança enganadora de que elle não teria a alma para semelhante desprezo. Era ella a sua companheira, amante, serva, mãe de seu filho, e tantas occasiões o defendera, que só vivendo sempre á sombra do seu carinho pagaria elle a sua dedicação. Nesses instantes consoladores perpassavam-ihe na mente doces reminiscencias, em que Fernando e ella em



pleno dia, ouvindo o rumor da folhagem agitada entremeado do gorgueio, aspirando o aroma sadio da selva, nem falavam, enlevados num sonho de amor que promettia prolongar-se á eternidade. Seguiram-o muito, pacientemente indicando-lhe logares, cavando com elle o chão, erguendo pedras... Que procurava elle? Nunca o soube explicar. Mas Fernando isso queria, isso se fazia. Tempos e tempos gastaram nessas pesquisas loucas, e nada mais descobriram senão urnas funerarias espedaçadas e ossos humanos carcomidos. Inda o pavor desses achados mortuarios arrepiava-lhe os cabellos, mas, subito, tocava-se da lembrança da separação, que o affligia mais que as aparições sinistras do caepora. E se elle dissesse: Isabel, vou-me embora... Quero outra mulher... Adeus?... Morreria. Isabel! Chamavam-lhe o nome de uma ave de olhos limpidos, e elle, uma tarde, depois de beijal-a soffregamente, lhe dera o nome da rainha de sua tribu...

Uma manhã, encontraram-se sob a mesma toíça de bambús, onde nelle, nascera a aspiração á volta. Quando Fernando a viu, qual se ella visse testemunhar-lhe um delicto, quiz esconder-se, tentando, num gesto logo contido, furtar-se á sua angustiada curiosidade. Nesse gesto, a sensibilidade requintada no soffrimento silencioso dos nltimos dias, tudo revelou a Isabel! Essa revelação flagrante feriu-a fundamente e de olhos muito abertos curvou-se para elle com os braços supplices:

— Fernando!

Fernando parou tremulo, enquanto, por entre as folhas, as aves de em redor fugiam espavoridas. Isabel fitou-o calada, e tendo perdido, na comprehensão daquelle momento tragico, toda a resistencia moral, cahiu-lhe aos pés, soluçando nervosamente, implorando-lhe misericordia e compaixão:

— Mas embora... Porque?... Não me deixes... Onde ias?...

Fernando afastou-se esforçando-se em resistir, não se commover áquellas amarguradas lagrimas. Isabel aproximou-se:

— Anda cá... Não te vas... Tem pena de mim... Teu filho... Espera... Eu vou buscar teu filho... — E, voltando-se ligeira, ganhou á rampa, demandando á palhoça, encorajada pela convicção de que a presença do filho mistu-

rada a seu pranto deteria o pai. Elle ergueu os olhos sobre seus passos e, vendo-a subir, pensou, instantaneamente, que seria impossivel ligar-se de novo aquella mulher, illudido na antiga paixão. Mesmo se ficasse, vencido pela piedade, uma semana depois seria assaltado pela fatalidade de sua idéa fixa. Por isso, antes que a creancinha, acabando de commovel-o, decidisse-o a ficar, devia partir, fugir para sempre. E sem mais pensar entrou pelo matto correndo.

Não o encontrando mais junto aos bambús, Isabel olhou em torno, e, apenas ouvindo-o a um lado pizar, na carreira, a folharada secca, correu tambem para lá, precipitadamente, aos gritos. Fernando viu-se perseguido. Avançou, aos encontrões pelos troncos empurrado subitamente pelo instincto de conservação superes-citado. Isabel, igualmente a bater pelas arvores, acoçando-o como para apprehender o elemento unico de defeza numa pugna decisiva, afigurou-se-lhe o echo dos seus movimentos envolvendo a maldicção de toda a tribu contra a sua fuga. Teve medo. Seu nome repetido atravez as ramagens numa intonação violenta de loucura, apavorou-o. Desejou voar, desapparecer, e appellando para toda a sua energia nervosa, atirou-se, aos impetos, contra os galhos cahidos, pulando-os como um ganso furioso. Respirou. Lançou um olhar brusco ao valle, e proseguiu reconhecendo-se a salvo. A mulher, já ferida, agarrada á creança, parou no mesmo logar. Reparou no rasto. Guiou-se por esse rasto, detestando-o, mas correndo.

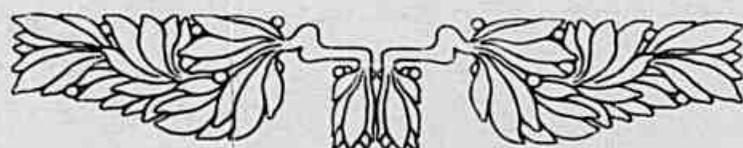
Do meio da encosta viu o amante. Tremeu toda:

— Fernando!...

O accento imprecativo que vibrava no seu nome, abalou-o, e, dominado pelo temor já não sabia de que, absorveu-se inteiramente na idéa da fuga, correu mais ainda.

Vendo-o a sumir-se distante, Isabel teve a noção absoluta de sua desgraça. E agitada pelo sentimento de vingança selvagem de sua raça, transfigurada num odio supremo, apertou os pés do filho, e, desesperada, sacudindo os braços fortemente no espaço, rasgou-o.

JOSÉ VIEIRA.



A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS. MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS. MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2\$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro · DROGARIA PACHECO